

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ARCHIMEDES THEODORO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Edri Archimedes Theodoro (A)

Entrevistadores – Dilene Raimundo Nascimento (D) e Laurinda Rosa Maciel (L)

Data – 10/05/2001

Local – Belo Horizonte/ MG

Duração – 2h48min

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsáveis pela conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior, Laurinda Rosa Maciel e Eduardo Cosenza de Faria

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

THEODORO, Edri Archimedes. *Archimedes Theodoro. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 54p.

Data: 10/05/2001

Fita 1 – Lado A*

L – Projeto sobre a História da Poliomielite e sua Erradicação no Brasil, entrevista com o professor Archimedes Theodoro, aqui em Belo Horizonte, entrevistado por Dilene Raimundo do Nascimento e Laurinda Rosa Maciel. Nossa primeira entrevista, fita número um. Hoje é dia 10 de maio do ano de 2001.

D – É... Dr. Archimedes, como a gente estava falando antes, é... gostaria de saber um pouco da sua história. Quando o senhor nasceu, aonde, como é que foi... a sua infância, falar um pouco da sua família...

A – Isso é um prazer muito grande. Eu tenho um orgulho muito grande da minha família. Eu nasci no interior de Minas, na cidade de Caratinga, que hoje fica no Vale do Rio Doce. Eu nasci... sou da zona rural, nasci numa pequena vila fundada pelo meu avô, que veio de Valença no Estado do Rio [de Janeiro] pra cá, pra desbravar a mata mineira, e eu nasci ali. Numa família... muito solidária. Tive 11 irmãos, nós somos 11 irmãos, eu sou o segundo. E... e o meu pai era... cultivador de café, como o meu avô, a família toda, nós nascemos em zona rural. Eram fazendeiros e comerciantes de café.

D – Seu pai tinha nascido em Valença também?

A – Não, meu pai (ruído batendo na mesa) nasceu já em Caratinga...

D – Já em Caratinga.

A – E... tive uma infância muito interessante porque, era um lugar... o meu avô trouxe pra esse lugar, onde ele fundou, professores, professores de músicas, artesãos, então criou uma comunidade com um espírito assim muito solidário, sabe? E a gente toda que ele trouxe de lá eram amigos dele, foram ficando e as famílias foram... se proliferando, né? E eu fui o primeiro médico da família. Eu comecei a estudar o curso primário lá em Caratinga, depois terminei o ginásio aqui em Belo Horizonte...

D – Isso porque, lá em Caratinga não tinha o, o... ginásio?

Legenda:

- Itálico: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;
- []: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

A – É naquele tempo não tinha ainda o ginásio. Tinha...

D – Obrigatoriamente teria que vir pra Belo Horizonte?

A – ...tinha um ginásio, mas não era reconhecido, sabe? Então, eu tive que vir pra aqui. Primeiro, aliás, antes eu estudei em Ponte Nova, no Colégio Salesiano, depois é que eu vim terminar meu curso ginásial aqui em Belo Horizonte, que eu fiz o pré-médico, e depois aconteceu uma coisa interessante, que na pensão onde eu morava, que fica perto daqui, Belo Horizonte naquele tempo era uma cidade que... atraía muita gente que sofria tuberculose, por causa do clima e na pensão onde eu morava morreu um rapaz tuberculoso, deu uma hemoptise. Ih! Quando eu fui nas férias contei à minha mãe essa história e ela não me deixou voltar mais para aqui. Então, eu tive que estudar lá no Rio, me formei, fiz o meu...

D – Isso foi mais ou menos em que época?

A – Isso foi... eu saí pra estudar em 1940, né? Eu fiz o meu...

D – Aqui para Belo Horizonte?

A – Não, não.

D – Daqui para o Rio?

A – Daqui para o Rio. Para Belo Horizonte eu vim em 1937. Fiquei [19]38, [19]39, terminei o ginásio, depois [19]40 eu fui, fiz o vestibular, passei. (pigarro) E... já... eu tinha uma tendência para a pediatria desde a mais... desde que eu comecei... a estudar, sabe?

D - Mas, por que para medicina, antes?

A - Para medicina também porque... eu tive uma coisa muito interessante também, meu pai seguindo a, a mesma orientação do meu avô, era uma comunidadezinha pequena, mas ele levou médico pra lá também, lá tinha médico. Era um médico muito interessante porque ele era um policlínico, sabe? E... esse médico... eu sempre fui assim... muito interessado e meu pai fez muito boas relações com ele, porque meu pai que o levou pra lá e eu visitava a casa dele, via quando ele... o consultório era ao lado da casa dele, eu o via consultando e tal. Mas eu sempre, desde pequeno, tinha assim uma vontade de ser médico e sobretudo de sair, não é? Do interior e tal. Meu pai, ele, ele ia muito freqüente ao Rio, porque comerciante de café... eu, com oito anos de idade, fui ao Rio pela primeira vez. Voltei deslumbrado! (risos)

D - Ficou encantado com o Rio?

L - Interessante.

A - E essas coisas todas foram se sedimentando...

L - Se solidificando.

A - ...na minha personalidade e tal. E eu... tinha sempre decidido, os meus pais faziam muito gosto e eu tinha... só eu de homem porque as outras quatro irmãs que eu tinha na época eram mulheres, eram irmãs, elas estavam estudando, mas estudando para professoras, essas coisas.

D - Aí depois que vieram mais irmãos?

L - Todos os outros filhos.

A - Depois é que vieram mais irmãos, homens foram depois. (O telefone toca) Eu só tive irmão homem quando eu já tinha dez anos. Então, o meu pai tinha um interesse muito grande assim, não é? Que eu realmente... naquele tempo as pessoas que conseguiam alguma coisa e tinha uma família numerosa, o sonho deles era ver um filho Dr., médico, as filhas professoras e tal, não é? E ele, felizmente, conseguiu realizar. (pigarro) E eu fui estudei, fiz o vestibular, fiz muito bem. Quando eu estava no quarto ano médico eu fiz...

D - E por que, a escolha da, da UFF?

A - Problemas assim de oportunidade, não é? Não foi assim... eu achei que talvez o vestibular fosse mais fácil um pouco e tal, e não era nada, porque eram todos os mesmos professores, ela já era uma faculdade conhecida, não é? E eu fui com um colega daqui também e nós dois... ele até tinha um primo que já estudava lá e achou que era interessante e nós fomos. Mas foi bem! Foi muito bem. E o meu curso foi normal, felizmente fiz as coisas que devia fazer. E quando eu cheguei no, no fim do terceiro ano médico, para entrar para o quarto ano médico eu fiz um concurso para Acadêmico Residente, no Instituto Fernandes Figueira, do Departamento Nacional da Criança que era, era, e ainda continua sendo hoje, uma das maiores escolas de pediatria. Eu então, morei lá como acadêmico residente até me formar, depois morei...

D - O senhor morava no IFF?

A - Morava no hospital. Naquele tempo do César Pernetá, grandes vultos da pediatria nacional.

L - Já era ali em Botafogo, onde é hoje?

A - Já era, já era ali. E já tinha aquela estatuazinha da mãe ali.

L - É, da mãe segurando o filho, não é? Interessante.

A - Eu morei ali, viu? Nós éramos oito médicos, oito acadêmicos, não é? Eu fiz o concurso...

D - Mas houve o, a influência de algum professor para essa escolha da pediatria, não?

A - Não. Eu já... quando entrei na faculdade eu já queria ser pediatra. E... fiz o concurso, tive a sorte de passar em primeiro lugar (risos) de maneira que abriram-se algumas perspectivas maiores lá pra mim, não é? (risos) E o Instituto Fernandes Figueira dava uma formação pediátrica completa, porque lá era a cadeira de pediatria da Faculdade de, de, de... Ciências Médicas lá do Rio, não é? Era, o, o, o chefe da cadeira era o professor Mario Olinto que era

médico do Instituto também, então as aulas eram... e o professor César Pernetta que foi uma luminária pediatria brasileira também... e ele era solteirão, morava no hospital também. Então nós tivemos, tínhamos um contato assim... e outro grande médico de lá, se chamava Hélio De Martini também foi um pediatra muito conhecido no Rio, morava também no hospital, ele depois é que ele se casou e tal. De maneira que era uma comunidade pediátrica... outro solteirão, que era o, o chefe da, da, da... neonatologia, foi um grande professor, o Luis Torres Barbosa, ele não morava lá no hospital, mas também vivia...

L - Estava sempre lá.

A - ...permanente lá. Então, a gente viveu (toca o telefone) um período assim de aprendizado muito interessante, porque... como eu estava dizendo, a formação do pediatra lá era completa porque a gente começava com o pré-natal. A gente começava atendendo ambulatório do pré-natal, viu? A gente começava... quer dizer, a gente fazia as outras coisas mas tinha o programa é... nós dávamos plantão no pré-natal, dávamos plantão na maternidade, dávamos plantão na neonatologia e depois na clínica pediátrica.

L - Fazia todas essas coisas?

A - Fazia todas essas coisas.

D - Até hoje é assim.

A - É, eu sei. Eu sou muito...

D - O Programa Materno-Infantil, que é desde a...

A - Vocês então conhecem bem, né? Eu então, aproveitei muito bem. Quando eu terminei o curso, eu ia ficar lá no Rio, sabe? Porque, o Hospital dos Servidores [Públicos] tinha sido inaugurado naquela época logo, uns dois ou três meses antes da nossa formatura. E eles recrutaram os nossos colegas lá do Instituto Fernandes Figueira, inclusive o Luis Torres Barbosa que foi ser o chefe da pediatria lá. Eles me convidaram pra eu ir pra lá. Eu estava... certo de que iria ficar lá. Tinha e tal esse negócio de namorada lá que interessava também que eu ficasse lá, (risos) e eu então comecei a querer ficar lá. Mas depois, eu vim passar uns dias em casa, lá na minha terra e... nesse tempo meu pai já tinha quatro filhos internados em colégios, sabe? Naquele tempo ele com gasto grande e tal, não é? Eu então, achei que eu precisava de ganhar mais do que um salário lá no Rio [de Janeiro] assim que não era muito pequeno na época, dava pra gente se manter, mas era... eu ia morar também no Hospital, lá no Servidores Públicos. Mas era uma coisa que eu não poderia ajudar, não é? Então, eu... a minha cidade naquela época estava explodindo, porque foi feita a estrada de rodagem Rio-Bahia, que é uma estrada que liga o Rio à Bahia, e que aquelas cidades que foram cortadas...

D - Próximas à estrada.

A - ...tiveram um incremento de população e de progresso muito grande. Eu fui lá e comecei ver aquilo e comecei a imaginar: “Puxa!” ...o meu pai nunca me questionou pra onde eu queria ir, nem nada, mas eu sentia que no fundo se eu dissesse pra ele que eu queria ficar lá, ele ia

ficar felicíssimo! Então, eu comecei e tal... quando eu voltei pro Rio eu escrevi, naquele tempo era difícil até falar no telefone (risos) eu escrevi pra ele e tal e falei: “Olha eu resolvi voltar, vou ficar em Caratinga.” Aí ele falou: “Olha, então você compra o consultório que você quiser e tal”. (risos) Aí eu vim pra lá e voltei. Voltei assim... naquela região ali não tinha pediatra, sabe? O pessoal fazia pediatria, mas era clínico geral e tal, né? E eu fui ser pediatra, só pediatra mesmo. Então, montei um consultório adequado pra pediatria, né? ... Eu costumo brincar sempre, botei secretaria cobrando a consulta primeiro, era uma coisa que todo mundo... dizia: “Mas será que você vai fazer isso?” Eu fiz, deu certo e tal... Eu fiquei lá, muito, muito feliz. E... quando eu cheguei e depois que eu estava lá...

D – Quer dizer o consultório era no centro de Caratinga, né? E o senhor falou...

A – Aí não, não. A minha família...

D – ...que era da área rural...

A – Não, mas a minha família...

D - Já tinha se deslocado pro centro de Caratinga?

A – Não, ainda não. Ainda estava na fazenda, mas é perto, muito perto. (ruído) São 24 quilômetros e tal e papai já tinha casa também cá em Caratinga, sabe? E era um...

D – E a sua namorada ficou no Rio?

A – Ficou no Rio. Até hoje. (risos)

L – Ela não quis vir pra Caratinga?

A – Não! Ela até que quis. Eu...

D – Ah! O senhor desistiu. (risos)

A – Eu é que achei que ela não ia se dar bem lá. Era uma moça distintíssima, sabe? Filha de um desembargador e tal e eles faziam uma força danada para eu ficar lá. Mas, eu não quis submetê-la a um período... porque, eu pensei que fosse muito mais difícil do que graças a Deus foi, sabe? Porque logo em seguida, a gente com apoio da família, e... a minha família é muito conhecida lá e... logo a gente naturalmente começou a aparecer também, os colegas começaram a ver que eu estava lá era para ajudar e tal e começaram a me mandar cliente daquela zona lá e eu senti que eu precisava de casar...

D – E a cidade crescendo também aumentava automaticamente...

A - E a cidade crescendo. Aí eu me sentei e vi que precisava de casar, né? (risos) Aí... aconteceu uma coisa interessante: o meu sogro era italiano, casado com uma alemã, ele era um

arquiteto, empregado de uma companhia de telefones italiana, que era subsidiária da ... *AT&T*¹ que era grande na época, mas a companhia era italiana. Eles vieram instalar telefones na Argentina, viu? E na Argentina nasceu uma menina deles. Depois de certo tempo, eles completaram o serviço na Argentina, vieram aqui para o Brasil, em São Paulo, moraram em São Paulo. Trabalhando em São Paulo veio a guerra, essa companhia era americana, mas não podia mandar o dinheiro para a Itália, não é? Por causa da guerra. Eles resolveram investir na compra de um material estratégico na época, não sei se vocês conhecem: mica? É um isolantezinho...

L - Conheço.

A - Tinha no ferro elétrico antigo, tinha.

D - É, é. Ela vai desmanchando assim, como se fosse uma camada. Não...

L - Uma resistência, né?

A - Esfoliativa...

L - Ah, eu sei! sei qual é.

A - Era um isolante. Aquilo tinha... um consumo muito grande em material... não sei pra que eles faziam aquilo na época. Eu sei que ele então, meu sogro, foi lá pra Caratinga montar um escritório de compra de mica que naquela região era muito coisa². Foi lá e tal, e um belo dia lá, apareceu uma menina nascida na Argentina que foi pra lá passar as férias, eu a conheci, casei com ela, tem 53 anos, estou felicíssimo da vida. (ruído)

L - Nossa! Que lindo!

D - Chegou na hora? (risos)

A - Chegou na hora! E nos damos muito bem. Felizmente, ela sempre me apoiou muito. Mas lá eu fiquei... comecei a renovar um pouco, sabe? ... E, aí, agora entra a história do Rotary³, que a senhora falou, não é?

D - Não, a gente ainda não falou em Poliomielite ainda e Rotary. Não é assim.

A - Não, não, mas não é? Mas não é. É questão de roteiro. Quando eu estava lá em Caratinga, a poucos meses...

¹ abreviação em inglês para American Telephone and Telegraph; Corporation é uma companhia americana de telecomunicações.

² Aqui o depoente usa a palavra 'coisa' em substituição àquela que poderia ser dita como, por exemplo, abundante mas que pode ter sido esquecida por ele no momento da entrevista.

³ Fundação Rotary Internacional Brazil Office - é a principal organização não governamental sem fins lucrativos do mundo, promovendo a paz e a compreensão mundial através de programas internacionais humanitários, educacionais e de intercâmbio cultural.

D – Não, me fale uma coisa antes. Na sua prática pediátrica existia muitos casos de poliomielite?

A - Eu vou falar isso daqui a pouco. Eu então, comecei a clinicar, fazer palestras na rádio lá e toda semana eu dava uma palestra sobre, sobre puericultura e tal, não é? E com isso a gente foi ganhando assim mais...

D - Prestígio, né?

A - ...conceito e prestígio, né?

L - Experiência.

A - Aí veio a semana da criança em outubro, que era... naquele tempo se comemorava no Brasil, toda uma semana da criança, viu? Que começava em torno do dia 12 de outubro, que era o dia da criança, né? Naquela semana tinha uma semana da criança, e lá, em Caratinga, já tinha sido fundado o Rotary lá. O clube Rotário lá, há um ano, mais ou menos. E eles me convidaram para fazer uma palestra sobre...

D - Assuntos de pediatria.

A - Lá. Sobre problemas de pediatria e tal, não é?

L – Isso foi em que ano, Dr. Archimedes? Já foi década de 50?

A – Isso foi em 1948 (pausadamente).

L – 1948? Tá!

A – 1948. Eu então fiz... não. (batendo na mesa) A, a... é. Foi em 1948. Eu fiz a palestra lá e tal... Quando foi daí uns dias, em dezembro... me convidaram para pertencer ao Rotary.

L – Puxa!! Dois meses depois.

A – E eu não conhecia nada do Rotary, não sabia o que era e perguntei pro meu pai. Falei: “Meu pai, estão me caminhado pra ir pro Rotary e tal, o que o senhor acha?” Ele falou: “Meu filho, eu também não sei o que é que é não. Mas as pessoas que estão lá dentro, são da melhor qualidade...” (risos)

D – Pode ir sem susto.

A – “...Eu acho que você vai se juntar com gente muito boa.” (risos) Aí fui, fiz a minha vida toda. Fui eleito logo presidente do clube e continuei assim,... muito identificado com o Rotary. E... e é uma coisa interessante, eu realmente tinha, tive alguns casos de pólio naquele tempo. Não eram tantos, mas eram sérios. Eu digo sempre uma coisa que, naquele tempo, a única coisa que o pediatra podia fazer, quando ele diagnosticava um caso de pólio, era chorar com os

pais. Eu ficava muito... Aí comecei a ter meus filhos e tal... E aconteceu uma coisa interessantíssima! Quando foi... apareceu a vacina Salk, não é? Em 1955...

D – Isso foi na década de [19]50.

A – Em 1956, eu fui ao Rio [de Janeiro] e me encontrei com um amigo de uma cidade próxima lá que era rotariano, de Muriaé. Me encontrei ali no centro da cidade e ali perto da Praça XV, naquele tempo funcionava a CACEX⁴, que era o órgão que... era o órgão do governo que regularizava, ou melhor, que superintendia a questão de importação

L - É, carteira de comércio...

A - Então ele falou: “Olha, eu tenho que ir ali falar com um amigo, e tal. Vamos lá comigo, e tal. Ele é um dos diretores da CACEX e tal, porque ele é lá da nossa cidade de Muriaé, vamos lá.” E insistiu comigo, fomos lá. Então, ele chegou e me apresentou: “Esse aqui é um pediatra e tal..”. Esse, esse, esse... companheiro, ele era da área de transportes urbanos de ônibus, né? Então, ele falou: “Pois é, Dr., eu estou acabando... estou fechando o câmbio das primeiras vacinas Salk que (batidas na mesa) vão ser importadas para o Rio e São Paulo. Então eu falei: “Puxa vida! Que coisa formidável!” Aí brinquei com ele: “Será que você me arranja um vidrinho desse pra eu aplicar nos meus filhos?” Aí ele desse: “Ah, não! Não tem jeito porque, isso aqui é...” Então ele me falou: “Olha...” depois de conversar um pouco, falou: “Ah, você quer saber de uma coisa? Eu vou fazer o seguinte: Eu vou juntar a esse pedido aqui mais 20 mil doses. Dez pra Muriaé e dez pra Caratinga, dez mil. Agora vocês tem que me mandar o dinheiro disso...” – era numa quarta feira – “...até segunda feira para que eu possa fechar o câmbio, eu ia fechar na sexta, vou fechar na segunda, se vocês me mandarem eu acrescento esses dois, vocês então...” Eu falei: “Puxa vida, eu vou dar um jeito.” Eu voltei pra Caratinga e fiz uns contatos com o pessoal do Rotary e falei: “Olha, surgiu essa oportunidade e tal...” (o telefone toca) (ruído ao fundo de conversa) “Nós vamos fazer o seguinte... nós vamos comprar essas dez mil doses, nós vamos dar, nós vamos vender ao preço de duas doses, quem puder pagar, vacina o seu filho e o outro que não pode pagar. E o pessoal logo ficou empolgado com o negócio, porque eu falei na rádio e tal. (termina a conversa paralela) E, e tive um apoio assim grande do pessoal e o pessoal do Rotary... mas nós precisamos de arranjar o dinheiro na hora pra mandar. Então o gerente do Banco do Brasil era nosso companheiro do Rotary e disse assim: “Olha eu vou...” naquele tempo... “passar um telegrama pra ele, dando ordem pra ele disponibilizar o dinheiro pra, pra, pra CACEX e tal.” Me deu o nome da pessoa e foi feito isso. Então, quando foi daí mais ou menos uns..

D - E aqui no Brasil já estava se usando a vacina?

A - Nada, nada.

D - Não tinha chegado aqui ainda?

⁴ Carteira de Comércio Exterior do [Banco do Brasil](#) S.A, criada em [1953](#) no governo de [Getúlio Vargas](#).

A - Foram as primeiras doses. Então, eu digo sempre: como você vê, através do Rotary desde aquele tempo já tinha...

D - Já se trabalhava...

A - ...nascido em mim uma vontade de fazer alguma coisa, que mais tarde poderia... redundou nisso, não é? Foi uma experiência interessantíssima porque a gente mobilizou... nós éramos, naquele tempo 30 rotarianos lá em Caratinga e todos eles iam pros morros com autos falantes e tal. E eu era nesse tempo lá, eh... chefe do Centro de Saúde lá de Caratinga, sabe? Da Unidade Sanitária de lá. Então, convidava e tal... Foi... num instante acabaram as doses de vacina. E os meninos iam tomar, que os pais tinham comprado, nós vendemos um bonozinho, né? Chegava com aquilo, papapá, num instante nós fazíamos a aplicação. E foi um sucesso tremendo sabe. Inclusive eu tenho fotografia lá em casa dessa campanha que nós fizemos.

D - E ficou alguma criança sem vacinar, assim, que tenha procurado o posto?

A - Deve ter ficado... Não, não ficou muita gente. Deve ter, porque nós também...

D - Porque a população também era pequena, né?

A - Era, era. Não, naquele tempo lá já era uma cidade de uns 25 mil habitantes aí. 30 mil. Já era bastante gente.

D - Então as crianças seriam o quê? Um terço disso.

A - Não, não, mas eu vou contar outra história. Daí a pouco, quando se... A coisa foi aumentando e o governo começou a também ficar interessado nisso e começou a importar, não é? Ele importou mais algumas doses, nós conseguimos fazer inclusive algumas lá também, porque o governo daqui de Minas conseguiu... eh... (batidas na mesa) comprou também algumas vacinas e depois quando veio a vacina oral, a Sabin, não é? Aí nós fizemos, começamos a fazer campanhas assim, tinha disponível lá no Centro de Saúde, o pessoal ia vacinar. De maneira que a partir daí, a gente sentiu... nós não fazíamos aquela campanha que se faz hoje, não é? Com os Dias Nacionais de Vacinação, mas a gente começou a sentir que... Ih, depois há outro aspecto que foi muito interessante, é... começou a conscientizar as mães e os pais, afinal de contas, que vacina era uma coisa necessária. Nós fizemos... campanhas muito boas lá, vacina tríplice, essa coisa toda... o pessoal já aceitou bem. Mas aí, é que nasceu...

Quando... quando... depois disso tudo eu vim pra cá pra Belo Horizonte pra ser diretor do Departamento Estadual da Criança. Aqui, naquele tempo tinha o Departamento Nacional, não é? E tinha o Departamento Estadual e eu precisava sair da minha terra pra não entrar na política lá, sabe? Porque, minha família era muito... pressionava muito pra eu entrar na política e tal e eu nunca tive (o telefone toca) nunca tive, assim, interesse em fazer política eleitoral não, sabe? Eu sempre gostei mais de fazer a minha profissão e depois eu me identifiquei muito com o Rotary, porque já ainda lá em Caratinga, porque naquele tempo o nosso distrito compreendia também o clube do Rio de Janeiro. Eu tive a... vamos dizer assim, o privilégio, não, privilégio... a palavra certa não é essa, viram que eu tinha alguma capacidade (pigarro) e eu fui governador do Distrito, sabe? Do Rotary.

L - É.

A - Aí comecei a, a ascender internacionalmente...

D - O Distrito, o Distrito incluía o quê?

L - É, o que é esse Distrito Rotary?

A - O Distrito, isso é o que eu vou explicar. O Rotary Internacional é administrado por áreas de concentração de clubes, de Rotary Clubs, em torno de 50 ou mais Rotary Clubs, ali... tem... esses clubes são administrados dentro de uma determinada área geográfica que se chama distrito e cada um desses distritos anualmente elege um governador, um rotariano que vai ser governador do distrito e tal e administra aquele distrito durante um ano. Então, os Distritos são as unidades administrativas do Rotary Internacional, porque, o Rotary Internacional é a instituição maior, e os clubes é que são filiados ao Rotary Internacional, não é o rotariano. O rotariano é filiado ao clube, ao Rotary Club. E o Rotary Club é filiado ao Rotary Internacional, que é a instituição que administra os clubes.

D - Aí um grupo de clubes...

A - É

D - ...formam um Distrito.

A - Formam um distrito. Aqui em Belo Horizonte, por exemplo, nós temos dois distritos. Um que é esse do nosso clube e outro que... tem clubes também aqui em Belo Horizonte, mais pra uma área do Estado e nós pra outra área. Porque, nós fazemos distritos assim... Só em São Paulo é que nós temos um que compreende clube só da área metropolitana de São Paulo. Porque são muitos clubes e... assim mesmo não são todos da área metropolitana, (barulho ao fundo) alguns também da periferia ali da zona metropolitana.

Mas então, eu estou fazendo questão de acentuar a minha identificação com o Rotary e como profissionalmente eu também me identifiquei muito com a instituição. Porque eu tive a oportunidade de ver que através dos rotarianos, a gente podia conseguir muitas coisas, como nós fizemos muitos projetos, mesmo lá em Caratinga, instalamos a telefônica lá, viu? Fizemos um clube social que está lá até hoje, eu fui presidente do clube...

D - Isso tudo com o apoio do Rotary?

A - Tudo dentro daquele espírito comunitário que o Rotary...

Fita 1 – Lado B

A - Os nossos clubes não são muito numerosos em termos assim, de associados, não é? Mas nós, temos a pretensão de trazer líderes profissionais, o Rotary é bem eclético, né? De todas as profissões, de peessoas que tenham condições de dar exemplo na sua vida profissional, na sua vida cívica, na sua vida familiar, não é? Com ética e tal, para poder influenciar outras pessoas. E essas pessoas, quando são solicitadas ou elas mesmas trazem problemas comunitários que a gente naturalmente vai estudar e procurar resolver. Então, eh... esse sentido agregador do Rotary em termos de reunir pessoas que tenham uma visão mais ampliada de problemas é alguma coisa que a gente precisa ressaltar sempre e é o que tem levado a nossa instituição a fazer coisas como essa que nós estamos fazendo hoje na erradicação da pólio, né?

D - Dr. Archimedes, conta pra gente quando foi a primeira vez que o senhor viu um caso de poliomielite. Foi no Rio, em Minas?

A - A primeira vez que eu vi foi, foi no hospital lá no Rio, né? Quando eu estava estudando.

D - No Instituto Fernandes Figueira?

A - Lá no Fernandes Figueira. Ele chegou lá... eu me lembro bem. Primeiro nós tivemos que afastar, fazer o... o diagnóstico afastando a possibilidade de outras coisas e a primeira coisa, eu me lembro disso tranqüilamente. Era um professor que tinha lá chamado Valdir de Abreu, professor da faculdade... ele era assistente do Martin da Rocha. Martin da Rocha foi um grande pediatra, era o catedrático da Federal, da... naquele tempo da Praia Vermelha, como nós chamamos, né?

D - Universidade do Brasil.

A - Hein?

D - Universidade do Brasil. (rindo)

A - É Universidade do Brasil, ele era da Universidade do Brasil. Ele... ele levou pra nós, pra gente ver um caso que ele estava suspeitando que era Guillian-Barré. Aí, fizemos os exames, fizemos pulsão, não é? E... e... o laboratório do Fernandes Figueira naquele tempo já era bem, bem, bem desenvolvido, mas a gente diagnosticava assim, um pouco precariamente, né? Porque, a gente naquele tempo o vírus não tinha sido isolado ainda, e tal a gente não... não sabia, a gente diagnosticava por algumas indicações do exame do líquido. Mas, o menino ficou internado... era um meninozinho que tinha cinco anos, ele era de Miracema, Estado do Rio, ele ficou lá internado algum tempo. É... aliás, pouco tempo porque, depois se diagnosticou mesmo que era pólio e, naquele tempo, como eu disse depois a gente não podia fazer nada, não tinha nada, né? Ele teve, ele não teve, ele não teve problemas pulmonares e tal, só teve a paralisia... das pernas e tal.

Mas, aquilo eh... deu, uma... uma espécie de alerta pra gente, não é? Porque, cada caso de paralisia flácida que a gente via, já naquele tempo, a gente era obrigado a pensar logo na frente, pensava na possibilidade de pólio e depois apareceram outros casos lá também. Não frequente, de vez em quando aparecia um caso. Nunca em termos assim de surto epidêmico. Eu não peguei nem um surto epidêmico aqui em Belo Horizonte e nem, depois que eu vim pra Caratinga, também eram casos esporádicos, viu? Coincidentemente ontem encontrei com o filho de um promotor de justiça lá que hoje é um advogado também, (risos) tá na área do judiciário, que eu diagnostiquei a pólio dele. Isso aí ele sempre me vê, fala: “Ah, Dr. Archimedes, eu estou aí.” Está andando e tal, bem, não teve grandes problemas. Mas, naquele tempo, realmente, nós tínhamos uma precariedade para os diagnósticos, eram eminentemente clínicos, a gente dava, né? Porque você não tinha cobertura...

L - Exames laboratoriais, né?

A - Exame laboratorial que você tem hoje, né?

D - Agora, Dr. Archimedes, acho até que eu vou fugir um pouco aqui, mas me ocorre o seguinte: se, é... os casos de poliomielite eram esporádicos, né? Eram alguns nesse período todo, quer dizer, da sua formação como médico, né? Até então, o senhor não vivenciou inclusive nenhum caso de, de epidemia, de surto da doença.

A - De surto epidêmico, não.

D – Por que, a poliomielite eh... foi alvo de tanto investimento assim? De tantos recursos e tanto... eh... como vou dizer? Uma decisão política mesmo, de tanta monta, no sentido de definir, decidirem pela, pelo controle e a erradicação depois, da doença?

A - Olha, curiosamente... primeiro que não havia notificações. Eu acho, que um dos grandes problemas que nós tivemos, a minha geração de pediatras, foi justamente... você, às vezes, não tem nem pra quem notificar.

D - Ah, sim. Tem isso.

A - Sabe? Então, tinha muitas pessoas, viu? Na minha cidade lá, tinha um centro de saúde que se notificava... havia nesse... podia se notificar porque a gente transmitia pra cá, pra Secretaria de Saúde, não é? Mas, inicialmente, a maioria dos casos que ocorreram no Brasil, até uma certa época, eram casos que se instalavam, tinha o seu curso normal, né? Quer dizer, chegava a fase paralisante e o médico não podia fazer nada, não comunicava nada, não tinha a vacina também, né? E, tanto que eu sempre me bati muito pela necessidade da notificação. Porque, naquele tempo a notificação era de febre amarela, de tifo, essas coisas, mas como não havia tantos casos de paralisia, ou se havia, não era assim alguma coisa que causasse uma... um impacto tão grande, né? A coisa ia ficando, mas certamente houve muitos casos no Brasil inteiro, tanto que... depois quando... e o Dr. [João Batista] Risi [Júnior]⁵ que nos falamos nele ainda agora pouco, ele tem um trabalho muito interessante que está publicado num dos anais dos... daqueles... das reuniões do Grupo Técnico Assessor, da OPAS, você já deve... o pessoal

⁵ Ref. A outro entrevistado do projeto Dr. João Baptista Risi Júnior.

da, da Fiocruz vai, eu já fui à... quase todos aqui na América Latina, né? Fizemos, temos feito. O último que eu fui foi agora em, em... Foz do Iguaçu, não é?

L - Foz do Iguaçu é. Ano passado.

A - Ano passado, viu? Eh... então nós... o [João Batista] Risi [Júnior] tem um trabalho muito interessante, viu? Que eu num sei se eu faço referência a ele aqui. Eu acho que eu faço referência nele aqui nesse livro.

L - Nesse livro *A Memória do Pólio Plus no Brasil*⁶...

A - Eu acho que há qualquer coisa assim, porque eu comecei... eu faço uma, eu faço um retrospecto aí, porque o Brasil foi realmente o pioneiro no estabelecimento dos Dias Nacionais de Imunização (marcando a fala com batidas sobre a mesa), começou com a imunização contra a pólio. E, (pigarro) e depois naturalmente a multivacinação que se faz hoje em dia, né? E foi realmente o que deu oportunidade ao Brasil de obter o Certificado de, de, de... de Interrupção, eu não gosto de dizer de erradicação...

D - É interrupção da circulação do....

A - Interrupção da Circulação do vírus em 1991. Por que? Houve um incremento muito grande. Aliás, o [Albert] Sabin⁷ nem acreditava que nós seríamos capazes de fazer o que nós fizemos. Porque foi uma mobilização incrível!

D - Por que que ele não acreditava? Ele chegou a comentar isso?

A - Ele não acreditava que os brasileiros tivessem capacidade de organizar uma infra-estrutura que desse cobertura a uma vacinação de massa nos moldes que nós estávamos pretendendo. Eu cheguei até a conversar com ele sobre isso, viu? Ele esteve aqui uma ocasião, eu, essa época, eu era Secretário Adjunto da Saúde, ele queria fazer uma... ele queria fazer uma experiência com, com vacina oral de sarampo e tal aqui numa, numa região de Minas Gerais e nós achamos que eram muitas precárias umas coisas que ele estava propondo e, depois ficou provado que era mesmo, não é? E, a gente não estimulou muito, eu não digo que impediu, mas... sabe como é? (risos) A gente...

D - Não deu apoio.

⁶ Colocar a referência completa do livro. Ver com Bela depois.

⁷ Albert Bruce Sabin – graduado em Medicina pela Universidade de Nova York, desenvolveu a vacina oral para a Poliomielite, em 1934, como representante do Conselho Americano de Pesquisas. De volta aos Estados Unidos, tornou-se pesquisador do Instituto Rockfeller de Pesquisas Médicas. Nesse instituto, demonstrou o crescimento do vírus da poliomielite em tecidos humanos. Albert Bruce Sabin – graduado em Medicina pela Universidade de Nova York, desenvolveu a vacina oral para a Poliomielite, em 1934, como representante do Conselho Americano de Pesquisas. De volta aos Estados Unidos, tornou-se pesquisador do Instituto Rockfeller de Pesquisas Médicas. Nesse instituto, demonstrou o crescimento do vírus da poliomielite em tecidos humanos.

A - ...não aceitou assim muito. E foi muito bom que se fizesse porque hoje a vacina contra o sarampo é um sucesso extraordinário também no Brasil e na América, no mundo inteiro. Mas olha... Então, eu acho que respondi a sua pergunta. Ou não? (risos)

D – Não. Respondeu sim. Respondeu.

A - Bom, vamos então... mais alguma coisa da minha história?

D - Sim. Quer dizer, aí o senhor estava dizendo pra gente, por último, (telefone tocando) é... que da presidência do... não, ainda do Rotary, né? Que ele não terminou... é... Porque, pelo seu currículo o senhor está como presidente do Rotary de Caratinga, depois o senhor foi Governador do Distrito 458, depois o senhor foi presidente do Rotary de Belo Horizonte e depois...

A - Está lá, ó! (risos) Está ali na galeria...

D - Na galeria dos presidentes.

L - Depois vamos ver as fotos. (risos)

D - Depois o senhor passou para o Rotary Internacional.

A - Não, depois que eu fui governador, isso é uma, uma ascensãozinha, né? Depois que eu fui governador do Distrito, eu fui diretor do Rotary Internacional, algum tempo depois, de 1980 a 1982.

D - Diretor é diretor brasileiro, não?

A - Não. O Rotary Internacional tem um Conselho Diretor que é composto de um presidente e mais 12 membros do mundo inteiro. Quer dizer do mundo inteiro, não, das várias regiões do mundo, não é? Então, o Brasil é hoje uma grande força dentro do Rotary. Nós somos o quarto país em número de rotarianos.

L - O quarto país do mundo! ?

A - Sim senhora! Assim mesmo porque, nós éramos o terceiro, depois do... era os Estados Unidos, Japão e Brasil. Mas agora, nós passamos pro quarto porque a Índia teve um incremento incrível, sabe? Porque, o Rotary na Índia realiza um trabalho maravilhoso também, e como é uma população...

L - Imensa. (risos)

A - ...dez vezes maior do que a nossa... (risos)

D - Maior do que aqui.

A - ...eles assumiram o quarto lugar. Com a diferença um pouquinho... não é tão grande e depois viemos nós, entendeu? Então, nós temos uma força grande e também além disso, nós

tivemos também rotarianos brasileiros que se destacaram muito no nível internacional. Nós já demos três presidentes do Rotary Internacional, entendeu? E como nós temos um número de distritos... nós somos o segundo país do mundo em número de Distritos totais, sabe? Aquilo que eu falei. Nós somos 38 Distritos, o Japão só tem 34. Um pouco por causa da concentração geográfica do Japão e nós, nesse país imenso, a gente tem que... primeiro os Estados Unidos porque lá que nasceu o Rotary e tal, né? Tem maior número de Distritos também. Mas então nós temos (pigarro), nós temos um prestígio grande internacional porque hoje, pra dar uma idéia a vocês, o Brasil hoje tem mais rotarianos e clubes do que toda a América Latina, inclusive o México. Nós temos 52 por cento...

D - E aí, com isso o Brasil tem um assento no Conselho Diretor?

A - Tem um acento no Conselho Diretor.

D - Do Rotary Internacional.

A - Aí esse diretor é escolhido...

D - O senhor do Distrito foi para o Rotary Internacional?

A - É, todos esses cargos do Rotary Internacional são por eleição, não é? Então, eu fui ser diretor do Rotary Internacional...

D - Quer dizer, houve uma eleição no Brasil.

A - Não. É, é, uma eleição no Brasil. Os rotarianos brasileiros é que elegem.

D - Votam quem vai para o Conselho Diretor do Rotary Internacional.

A - É quem vai para o Conselho Diretor do Rotary Internacional e a gente, então, fica dois anos lá. E, graças à Deus, a gente, naturalmente, atuou no sentido de continuar situando o nosso país...

D - É isso que eu ia perguntar. Qual seria a função... a ligação do Rotary Internacional em relação aos clubes rotarianos daqui.

A - O Conselho Diretor é o órgão administrativo do Rotary. Todas as questões de orçamento, de... todas as questões ligadas à administração internacional do Rotary é decidido por esse Conselho Diretor. É como se tivesse um Conselho Diretor aqui, ou um Conselho Curador, né? Lá nós chamamos o Conselho Diretor. Então, é um presidente que é eleito também... em vários países, né? Como os Estados Unidos têm um maior número, nós temos dois presidentes fora dos Estados Unidos, depois vem um americano, depois há mais dois fora dos Estados Unidos... Agora por exemplo é um mexicano, no ano que vem vai entrar um americano, no outro ano já vai entrar um tailandês, sabe? Com dois anos...

D - Ah, já se define a nacionalidade?

A - Não. Se define o rotariano (risos). Se define... há uma candidatura de vários países e um deles é escolhido. Pra ser presidente do Rotary Internacional é preciso ter sido Diretor do Rotary Internacional, certo? Ele não pode ser só... Tem uma gradação: pra ser diretor precisa ter sido governador, pra ser, pra ser...

D - Pra ser presidente tem que ter sido diretor.

A - Pra ser presidente tem que ter sido diretor. Então o número cai bastante, né? Porque são só 13, né?

L - 13 no mundo?

A - É. Dos diretores, são 13 e só a metade é que é renovada a cada ano, então o número é maior, é menor, né? Mas o Conselho Diretor do Rotary Internacional é quem dirige o Rotary, todas as questões relativas à administração e tal são medidas provenientes do Conselho Diretor do Rotary Internacional. Pra se ter uma idéia, os programas nascem nos clubes. Todos os clubes têm projetos que... nós vamos falar daqui a pouco sobre a Fundação Rotária, que é o, o órgão do Rotary, não é? Que é uma instituição sem fins lucrativos, como qualquer outra fundação, e umas têm sede nos Estados Unidos e que financia os projetos como esse da pólio...

D - Da PolioPlus?

A - Da PolioPlus, mas então o conselho diretor... tem o Conselho Diretor e tem um Conselho Curador da Fundação Rotary. Eu depois, que fui diretor do Rotary Internacional, fui ser presidente da Comissão Nacional do Programa PolioPlus aqui no Brasil. Eu fui... em 1992 eu deixei a diretoria. Quando foi em 1996, o Rotary, convidado pela Organização Mundial de Saúde, porque nós tínhamos feito um programa de imunização contra a pólio na Filipinas que foi um sucesso. Nós vacinamos lá...

D - Como é que foi esse programa? Por que, decidiram esse programa? O senhor sabe, não?

A - É interessante essa pergunta. ... Vamos voltar um pouquinho à Fundação Rotária? Só pra dizer, pra dar uma idéia.

D - Sim.

A - A Fundação Rotária, então, é a instituição que aplica os recursos provenientes das doações de rotarianos e não rotarianos, sabe? Nós temos...

D - Quer dizer, os clubes arrecadam e repassam para a Fundação, né?

A - Isso.

D - ...e a Fundação aplica. Quer dizer distribui...

A - Os clubes... eh... é completamente fora do Rotary Internacional. Os clubes pagam uma cota pro Rotary Internacional que é fixa, cada rotariano paga uma cotazinha pequena pro

Rotary Internacional, isso é para a administração do Rotary. Agora a Fundação Rotária, são contribuições voluntárias. A gente estimula os companheiros a contribuírem, não...

D - E ela foi cada quando?

A - 1917.

D - Ah, quase junto, né? Quer dizer, o Rotary é de 1905.

A - É, o Rotary foi em 1905. Em 1917, é... os rotarianos que já existiam em número razoável naquele tempo, acharam que havia necessidade de criar alguma coisa que viesse a beneficiar as pessoas de uma maneira mais significativa. Esse fundador da Fundação Rotária, o criador do Fundação Rotária foi um presidente do Rotary Internacional, um americano, que chamava Arch Klumph e ele então, propôs a criação de um fundo e a expressão que ele usou: “Um fundo para fazer o bem no mundo.” A primeira doação foi de 26 dólares e 50 centavos (risos). Ínfima, não é? E a coisa foi e tal, daí mais um pouco foi aumentando, foi aumentando, foi aumentando... e a Fundação estava... ganhando força primeiro para depois fazer alguma coisa mais significativa, realmente.

Mas quando, foi em 1948, em 47. 1947, morreu o fundador do Rotary que chamava-se Paul Harris, aquele advogadozinho que está li, sabe? O retrato dele tá ali. Esse Paul Harris quando morreu, o Rotary já tinha uma expressão muito grande, no mundo inteiro, não é? E ele disse que se alguém quisesse prestar alguma... homenagem à memória dele, que fizesse uma contribuição pra Fundação Rotária.

D - Aí aumentou muito o fundo da... (interrupção da gravação)

A - Então quando o Paul Harris faleceu, houve um incremento muito grande de contribuições para a Fundação Rotária e foi criado o primeiro programa que hoje é o maior sucesso do Rotary Internacional que se chama *Programa de Bolsas de Estudos da Fundação Rotária*. São bolsas que o bolsista de pré ou pós-graduação escolhe o país onde ele vai estudar, é a bolsa que tem o maior subsídio do mundo e a maior assistência porque ele vai estudar lá com o apoio do Rotary, que tem um conselheiro especial só para tomar conta dele, ajudá-lo no período em que ele estiver estudando naquele país. Esse programa de bolsas, em 1948, mandou os primeiros bolsistas, 18 bolsistas, só. Hoje nós estamos mandando anualmente 1400 bolsistas.

L - Daqui do Brasil?

A - Não.

D - Não.

A - Do mundo inteiro.

L - Do mundo inteiro?

A - Do mundo inteiro.

L - De um lugar para o outro? É isso?

A - É. Ele vai. Ele escolhe a universidade onde ele que fazer o, o seu... o seu aperfeiçoamento, não é? E (pigarro) o Rotary financia a passagem, financia a estadia dele, o pagamento da universidade e tudo, e ainda dá dinheiro para ele ficar lá tranqüilo, não é? Fazendo as pesquisas, no caso. Bom, esse programa é um sucesso. Hoje é considerado o melhor (marca a fala com leves batidas) programa de bolsas do mundo de uma instituição não governamental. Nem a [Fundação] Fulbright nem dada desses aí, que vocês conhecem têm uma bolsa tão... eu estou dizendo isso por experiência de tratar com bolsistas do mundo inteiro. É uma, é uma bolsa muito interessante. E nós aqui no Brasil temos nos beneficiado. Esse ano agora nós temos 42 brasileiros estudando no exterior, viu? Na Inglaterra, tem na Austrália, nos Estados Unidos, na França, na Bélgica, viu?

L - E o Brasil recebe muitos estudantes de outros países?

A - Recebe menos do que nós deveríamos receber.

L - Menos do que...

A - Atualmente nós temos aqui cinco bolsistas. Tem um no Rio, três em São Paulo, um em Porto Alegre e um em Pernambuco, na Universidade Federal. Esse de Pernambuco está sobre a...

D - E o que torna elegível a pessoa para ser bolsista?

A - Primeiro de tudo, ele passa por uma seleção. A gente examina o currículo...

D - Quer dizer, qualquer jovem pode se dirigir ao Rotary e solicitar?

A - Pode.

D - Ou tem que ser do Rotary?

A - Não. Ele pode. Ele tem que ser indicado por um clube.

D - Ah, sim!

A - Agora, tem um aspecto aí que nós ressaltamos sempre para mostrar a isenção da nossa organização é que se ele for parente direto do rotariano ele não pode usufruir dessa bolsa. (pigarro) Pra você ver como é que é séria a nossa instituição, viu? Às vezes, alguns rotarianos ficam até um pouquinho bravo com a gente por coisa disso, mas não. É porque, nós precisamos de manter, sobretudo para não dar a impressão de que alguém por mais méritos que ele tenha, tenha sido escolhido porque houve algum interesse de beneficiar um companheiro nosso. Então a Fundação não... não se pode candidatar. Em nenhum programa da Fundação Rotária, dos programas educacionais, porque nós temos vários tipos de bolsas.

Temos bolsas pra professores... tem bolsas pra... professoras que foram lecionar em países de, de, de... de baixa renda, não é? E agora, nesse ano, nós estamos mandando o primeiro, e eu pertença à Comissão de Seleção Internacional desse programa, nós estamos mandando 20 bolsistas dos países eh... de baixa renda. Porque, até o ano passado, de todos os bolsistas desses 1400 que eu estava dizendo pra vocês, apenas 11% vinham de países que estavam abaixo da linha de pobreza. Então, nós criamos um fundo especial, viu? De 500 mil dólares para essas bolsas, nós escolhemos 18, 19. Para 20 bolsas no mês... no ano passado escolhemos 19, agora em novembro vamos escolher outra vez. Mas, eu acho que vamos escolher mais porque, nós recebemos uma doação pra esse fundo, de cinco milhões de dólares, de um rotariano, sabe? Canadense.

D – Aí, pode sustentar mais bolsistas...

A - Aí a gente manda mais bolsistas. Porque esses bolsistas, embora os outros não... também possam se candidatar pra bolsa regular, essa é unicamente destinada a países de baixa renda e com uma.. um problema também, que nós selecionamos bolsistas que tenham, assim uma perspectiva imediata de servir à comunidade dele, viu? Não é aquele que vai lá pra... Nós mandamos muito médico pra fazer transplante, fazer negócio de estrabismo, mandamos advogado para fazer outras coisas, estudar economia política e tal. Mas estamos... esses nós estamos selecionando candidatos que tenham, que tenham já assim uma, uma certeza de que ele venha trabalhar na sua comunidade. No ano passado, desses 19 que nós escolhemos, escolhemos três brasileiros. Escolhemos um advogado de direito ambiental que é uma coisa que aqui no Brasil é muito difícil, escolhemos uma assistente social lá do Rio Grande do Sul, que tem um trabalho maravilhoso, viu? Numa, numa instituição lá e escolhemos também uma professora em Taubaté que tem um, é uma pedagoga que tem um trabalho extraordinário que ela está fazendo lá na cidade com meninos carentes...

D - Aí eles vão pra outro país se...

A - Vão pra outro país. Eles escolhem o país aonde ele vai.

D - ... aperfeiçoar e voltam pra esses projetos deles. (fala junto com o Dr. Archimedes)

A - E vem, e vem executar aqui. Essa é a filosofia da bolsa, viu? Então é bom! A gente ter oportunidade de dizer essas coisas porque vocês ficam sabendo, quem sabe? Você podem se candidatar também. (risos)

Mas então, a Fundação Rotária, ela nasceu com o propósito de fazer o bem no mundo. Depois dessas bolsas que tiveram sucesso, e como também as contribuições sempre foram aumentando e tal, e a gente pede aos rotarianos, ela começou a diversificar um pouco os seus programas. Então, hoje nós temos programas educacionais, que são bolsas de estudos, não é? Têm os programas culturais que são bolsas de treinamento rápido. Nós temos um programa que se chama Intercâmbio de Grupos de Estudo, que é um grupo pequeno de quatro pessoas, liderados por um rotariano que vai para um outro país, passa lá durante quatro semanas, visitando instituições do interesse delas, sabe? Que... por exemplo, um arquiteto. Então ele vai,

os rotarianos põe ele em contato com o arquiteto melhor daquela área, se ele quiser fazer alguma coisa e algum... de conhecer... não só isso. Mas é conhecer... (interrupção da fita)

Falando sobre os programas da Fundação Rotária. Nós temos programas educacionais, culturais, que são esses tipos de programa de curta duração em que a pessoa vai lá. E tem outros programas também culturais de estímulo e tal à, à, à... à estágios em determinadas instituições, não só em universidade e faculdade mas instituições. E temos...

Fita 2 – Lado A

A - Então, é... hoje os programas humanitários estão tendo uma, um incremento muito grande no Rotary. Porque nós chegamos à conclusão... o Rotary nasceu pra ser um obreiro da paz. Pra atuar a nível internacional, inclusive, com a Fundação Rotária tem o mesmo objetivo, não é? Pra que nós possamos melhorar o mundo e a nossa concepção é o seguinte, nós só vamos obter a paz, na medida em que nós fizermos com que um maior número de pessoas ascendam um pouco mais na escala social e ganhe consciência de cidadania que ele necessita pra poder entender que ninguém deve brigar, não é isso? Então, esses programas humanitários investem, investem justamente em programas, em projetos que os clubes mandam, viu?

D - Para melhoria das...

A - Para melhoria de comunidades absolutamente carente. Coisas assim, viu? Tirar menino de rua... e ajudar as creches... É... colocar uma bomba d'água lá em Bangladesh que o sujeito pensa: “Mas puxa! Colocar uma bomba...!” Se você visse a felicidade estampada nos olhos das crianças quando a bomba...

L - A água jorrando.

A - ...começa a correr para uma comunidade de 1000 pessoas.

L - Nossa!

A - É um negócio que todo mundo pensa assim: “Puxa, mas o Rotary vai doar uma bomba!”, mas olha, isso, pra aquele grupinho de pessoas ali, viu? É uma bênção! E a gente tem ouvido isso de muitas pessoas, que passam a ser beneficiadas: “Puxa vida! Graças a Deus!”. Então, nós estamos investindo nesses programas humanitários para eh... melhorar as condições de vida das pessoas mais carentes.

D - E a vacinação nas Filipinas foi com esse... teor?

A - Ah, bom, sem dúvida nenhuma. Nós então, chegamos a entender, nós criamos um programa chamado, em 1964, nós criamos um programa chamado: Saúde, Fome e Humanidade, que são os três programas... são as três iniciais de *Health*, não é? *Hungry and Humanity*, né? Em inglês, nós chamamos Programa Três Agás, ficou conhecido como Programa Três Agás, que aqui, pra traduzir pra nós: Saúde, Fome e Humanidade. Esse programa Saúde, Fome e Humanidade, começou a, a, a... se expandir. Então, na área de saúde o primeiro projeto de grande relevo que se fez foi justamente esse de vacinação na... na Filipinas... nas Filipinas.

D - Foi vacinação múltipla ou foi vacinação de pólio?

A - Foi vacinação antipólio.

D - Antipólio.

A - Nós fizemos uma vacinação lá... de... (mexendo em papéis) nós fizemos um programa de, de... vacinação lá que foi... o gerador do programa PólioPlus. Sabe por que? Porque ele, além de doar as vacinas, mobilizou os rotarianos para fazer as vacinações, viu? Isso é que foi, foi uma coisa... Olha, foi em mil novecentos...

L - [19]83?

A - Não. (pigarro) 79.

L - 79?

A - 1979, eu errei a data, porque 83 foi outra coisa. Então em 1979, quando eu falo assim: “Aprovou um subsídio de 770 mil dólares, do Programa Três Agás, destinado a vacinar seis milhões de crianças nas Filipinas”. E aqui eu estou dizendo uma coisa interessante: Eh... esse foi realmente o, o... que abriu os olhos, os nossos olhos e os olhos da Organização...

D - Para as possibilidades do Rotary em massa?

A - E da Organização Mundial de Saúde! Que depois do êxito desse programa... porque, a queda do número de casos de pólio lá nas Filipinas... caiu tremendamente. Então, a Organização Mundial de Saúde convidou o Rotary para fazer um programa com ela... O Rotary é a instituição, a única...

D - Lá se vacinou qual? A pólio oral? A vacina oral?

A - Não, não. Vacina, vacina... Salk...

L - Foi a Salk. Injetável.

A - Ah! oral. Sim. Vacina oral. Nas Filipinas.

L - Nas Filipinas. Já foi oral.

A - Então, foi um sucesso tão grande que a própria Organização Mundial de Saúde, acompanhando o, o decréscimo, não é? Do número de casos falou: “Pôxa, este pessoal tá fazendo um negócio que a gente pode aproveitar.” Então, convidou o Rotary pra associar, não é? Como única organização não governamental. Então, o negócio discutiu, o Conselho Diretor do Rotary Internacional achou que devia e a Fundação Rotária então aprovou. E nós, então assumimos o compromisso, não é? Em 1986 de doar todas as vacinas para o programa que a, a... Organização Mundial de Saúde fizesse em cada... para os programas que ela fizesse em cada parte do mundo. E nós estabelecemos uma meta de 120 milhões de dólares pra essa primeira etapa.

D - Dr. Archimedes, só pra... clarear bem (risos) assim. É... houve essa experiência com a vacina antipólio oral nas Filipinas, que teve um resultado bastante positivo, pelo que o senhor tá falando, que diminuiu bastante o número de casos de pólio nas Filipinas, é... isso aí foi, eh... o embrião do PólioPlus, digamos assim...

A - Foi.

D - ...quer dizer, o, o... Rotary, os rotarianos, também perceberam que poderiam ampliar esse programa das Filipinas e criaram o PólioPlus? Posteriormente é que a OMS⁸ convidou o Rotary pra participar do...

A - Não.

D - ...do comitê interagencial? Não?

A - Não, primeiro a Fundação convidou o Rotary. Quando a Fundação convidou o... a Fundação!?! ...

D - A OMS.

A - A OMS, quando a OMS, a OMS, convidou o Rotary, nós precisaríamos de estabelecer um programa para poder atender a essa associação com a Organização Mundial de Saúde, então, criou-se...

D - Quer dizer, a OMS já tinha uma organização pra combater a pólio?

A - Já. Ela já tinha. Ela tinha feito aquela, aquela famosa, é... aquela famosa reunião lá de... de... da... de...

D - Da Assembléia Mundial de Saúde.

A - ...da Assembléia Mundial de Saúde, viu? Lá na Suíça, eles já tinham feito aquele apelo aos governos e tal, que resolvessem os problemas, se dedicassem mais à erradicação da pólio. E eles entenderam isso, quem me disse foi o próprio diretor da Organização Mundial de Saúde, o Nacarima? Ele disse assim: “Olha, foi uma luz que nós tivemos.” Porque, eles confessaram que não havia possibilidade de fazer uma mobilização social como foi feita, sem uma entidade que não estivesse ligada ao governo como o Rotary. Porque se fosse mandar funcionário público, do estado, do governo federal e tal, sabe como é que é? A coisa funciona, mas... não funciona, bem. E, com 1.200.000 homens e mulheres, e mais as nossas famílias, os nossos clubes de jovens e tal, nós íamos juntar em torno de cinco de milhões de pessoas pra trabalhar nisso, como nós juntamos. Além, dos recursos financeiros... Eu estava dizendo: a meta inicial era nós arrecadarmos entre os rotarianos... (interrupção da gravação)

L - 120 milhões.

A - É. Nós... como nós estávamos dizendo, na medida em que ela percebeu, que a Organização Mundial percebeu que podia contar com o Rotary e o Rotary aceitou o convite, criamos o programa Pólio Plus e o programa se comprometeu... (telefone tocando) Eu não vou atender porque não tem... (interrupção da gravação) (risos) Mas nós estávamos então na questão...

L - Ih, está ligado já!

A - ... na questão da mobilização.

L - Isso, isso.

A - O que foi feito? Nós tínhamos então, essa meta de 120 milhões de dólares. Mas em um ano, nós dobramos. Arrecadamos 240 milhões, sabe? Contribuições de rotarianos.

D - Dr. Archimedes, a que o senhor atribui uma mobilização tão grande em torno da poliomielite?

⁸ Organização Mundial de Saúde (OMS).

A - Primeiro de tudo foi a consciência que, nós rotarianos, que, mobilizados pra... porque eu fiz parte também dessa turma que começou a discutir inicialmente, não é? O que nós pensamos, é o seguinte: que, a vacinação contra a poliomielite, pelo fato de ser uma doença ostensivamente agressiva, ela iria funcionar como uma espécie de bandeira para que nós fizéssemos as outras vacinas também. Daí é que nós botamos o nome de Pólio Plus porque o *plus* aí é sarampo, coqueluche, tétano, e tal, tuberculose e tal, são as outras vacinas também. E, em muitas partes do mundo, não é? Não só no mundo subdesenvolvido não, no mundo desenvolvido também. Então, nós vislumbramos a possibilidade, não é? Que eu acho que foi uma coisa genial, de falar: “Puxa, isso aqui é uma bandeira.” Porque, na medida em que a mãe, que não quer ver o filho dela aleijado, vai vacinar e lá alguém vai falar: “Por que, você não vacina também?” Nós vamos disseminar de tal forma a imunização, que nós vamos atingir também a erradicação de outras doenças como nós estamos hoje já diminuindo significativamente sarampo, tétano, coqueluche, essas coisas, não é isso?

Então, nasceu justamente dessa idéia de que a pólio era a que, que mais... as pessoas mais detestavam, tinha mais pavor dela. Então isso, naturalmente, foi alguma coisa que, eu digo, foi genial esse negócio, foi nossa, do Rotary, foi da Organização e nossa também que ajudamos, não é? Da Organização Mundial de Saúde. Quer dizer, entendeu-se que precisava haver uma mobilização de todos os níveis para poder fazer com que as pessoas entendessem que era hora de vacinar as suas crianças, não é? E nós fizemos isso. Arrecadamos e demos o suporte, não só das vacinas... à Fundação, como também, é... nós disponibilizamos técnicos de mobilização social e tal, pra ir naqueles países, e sobretudo, pra organizar programas, pra ir naqueles países que não tinham condições de... nem condições de recursos, nem condições assim de, de... de consciência da necessidade, vontade política, vamos dizer. Nós mandamos técnicos de vários lugares para poder ensinar como é que faz um programa de imunização e aí é que entrou a grande e extraordinária contribuição do Brasil porque o Brasil, desde 1980, tinha já instituído os Dias Nacionais de Vacinação, não é? E então... com sucesso, com sucesso, e essa experiência poderia ser naturalmente ser transladada pra outros países do mesmo nível do Brasil, com uma... com uma... não, com um aspecto assim que precisa ser ressaltado! Um país de dimensões continentais. E que muitas pessoas, eu acabei de citar uma aí, (risos) não sei se convém repetir, o próprio [Albert] Sabin, que não acreditava que nós tínhamos condições técnicas e organizacionais para criar um programa, para sustentar um programa dessa natureza.

D - Na verdade, o professor [Albert] Sabin, criou muita... celeuma aqui no Brasil, né? (risos).

A - É, alguma! (risos)

D - (risos) Na época dos dias nacionais de vacina, mas Dr. Archimedes, é...

A - Não, mas ele teve depois o mérito de reconhecer...

D - Que ele errou. (risos)

A - Ó! Eu assisti, eu assisti, eu assisti várias vezes, umas três vezes, ele contar essa história e dizer... e isso também serviu muito pra credenciar o Brasil como uma espécie assim de padrão para os países adotarem o mesmo projeto que nós tínhamos aqui. Porque ele aí começou, falou: “Eu no princípio não acreditava. Mas vi como um país de dimensões continentais com todas as dificuldades, mas com uma vontade política muito grande, conseguiu vacinar 20

milhões de crianças em cada Dia Nacional de Imunização.”, que nós tínhamos aqui no Brasil, não é?

D - E por que o senhor acha que o Brasil conseguiu? A despeito da descrença do [Albert] Sabin?

A - Não, não. Eu acho que o Brasil conseguiu... esse país nosso é um país extraordinário, sabe? A gente quando o negócio aperta, a gente encontra a dificuldade, mas na hora que...

Nasceu principalmente disso: nós vimos que nós podíamos fazer. Já naquela época havia isso que eu sempre ressalto: começou haver a vontade política de resolver a coisa. E se entregou a um grupo de pessoas, que eu sempre rendo homenagem a eles, é o nosso querido Dr. [João Batista] Risi [Júnior], que é um homem extraordinário, né? Que mobilizou no Ministério da Saúde, não é? Um grupo de profissionais que acreditaram nele e organizaram a coisa do jeito que está funcionando até hoje e houve uma sensibilização muito grande. E aí depois, entra também o papel do Rotary. O Rotary como uma entidade que não é ligada ao governo, né? Mas que tem influência, inegavelmente, e que, vamos dizer aqui, isso é natural porque nós, só conseguimos isso na base da nossa credibilidade. Nós não íamos disputar com ninguém, nós não íamos mostrar pra todo mundo que o Rotary que vacinou... que acabou com a poliomielite no Brasil. Nós sempre nos colocamos na condição de parceiros. Parceiros privilegiados, nos colocamos na condição de parceiros. E isso naturalmente, fez com que os governos aceitassem a nossa colaboração. Nós tivemos dificuldades muito grandes em alguns desses em alguns estados, em alguns lugares porque funcionários públicos achavam que as nossas mulheres, os nossos filhos, iam lá pra vacinar e tal, né? Os nossos rotarianos iam buscar vacinas quando estavam quase acabando pra controlar... ou ficavam fiscalizando pra ver: “Está precisando vacina?”, vai lá e busca e tal. Eles pensavam que a gente estava querendo tomar o lugar deles. E, eu tive... aqui em Minas, em Pernambuco, casos assim interessantes, de funcionários que falavam: “Não, Dr.! Esse pessoal vem cá e tal... nós ganhamos um, um... no dia de vacinação nós ganhamos um *pró laborezinho*, daqui um dia todo mundo vai botar rotariano aí. Nós não vamos fazer.” (risos) “Não vamos ganhar mais *pró labore*.”

L - Não vão ganhar mais *pró labore*. (riso)

A - Então, até essas coisas são...

L - Que coisa!

A - ...e a gente com trabalho de convencimento: “Não, a gente está fazendo isso, e tal, por isso, por isso, e por isso. É porque, nós queremos acabar e tal... você não está vendo... se o seu filho adoecer, pode o meu também adoecer e tal.” Foi levando nessa base. E, felizmente, houve uma aceitação geral. Durante aqueles cinco anos que nós... (telefone tocando) (interrupção da gravação) Porque, aconteceu o seguinte: essa... o grande e extraordinário trabalho do Rotary, além do aporte financeiro para os programas também em nível mundial, nós estamos gastando 450 milhões de dólares e até 2005 vamos gastar meio milhão de dólares com esse negócio da campanha do programa PólioPlus. Mas, isso é importante, mas o que é mais importante é a mobilização dos rotarianos para fazer isso. É o exemplo que se deu a muitas pessoas, muitas entidades, que pessoas que não tinha a obrigação de estar ali de manhã a noite ajudando, anotando vacina e tal... essas coisas.

D - Agora, Dr. Archimedes, os Dias Nacionais de Vacinação, quer dizer, quando foi implantado, não é? Houve muita oposição também, de médicos sanitaristas, inclusive, de pessoas que estavam...

A - Ah, sem dúvida.

D - ...em alguns postos também assim de responsabilidade, de gerência... e tal.

A - Sem dúvida, sem dúvida.

D - Como é que o senhor viu isso? Como é que foi essa...

A - Olha, havia uma mentalidade, não só entre pediatras, mas entre pessoas que estavam assim dirigindo instituições governamentais, de que vacinação de massa não funcionava, tinha que ser no posto de saúde, pra mãe levar o menino lá, e tal e coisa. Mas o sucesso da campanha desmentiu esse conceito. E naquele projeto que nós fizemos, que eu... não sei se vou falar agora, mas posso falar, porque depois vocês, na fita, faz...

D - É. A gente vai e vem... não tem problema não...

A - ...uma remasterização... (risos)

L - Exatamente.

A - Olha...

L - A gente pode fazer uma edição.

A - É. Faz uma edição. O mais certo é a edição. Olha o que aconteceu foi o seguinte: Eu estou falando assim, em termos de Brasil, agora, nesse momento, como ela me perguntou se não havia... Houve resistência sim e tal. Mas, nós estávamos... depois de certo tempo, nós ficamos preocupados... (interrupção da gravação) Dizendo então, ela perguntou sobre a...?

D - Da oposição aos Dias Nacionais de Vacinação.

A - É, é. E já dizemos, já tínhamos dito alguma coisa. Nós conseguimos vencer essa oposição, primeiro... com a demonstração... dos dados... com a divulgação dos dados de que, nos lugares onde havia ainda casos de poliomielite, nós tínhamos conseguido baixar o número de casos, não é? Fazer cair o número de casos com a vacinação, não é? Em segundo, nós já na fase mais adiantada da campanha, quando nós já estávamos... nós tivemos em mil novecentos e... deixa eu ver se eu me lembro... se é [19]88, [19]89... Não sei se você tem esses dados...

L - Qual seria o dado?

A - Nós tivemos um surto de pólio lá no norte...

D - Em Pernambuco?

A - Em Pernambuco. Nós tivemos...

L - Foi em 89? Né?

A - 89.

D - Não, eu acho que...

A - Não, 89, não. Foi antes. Foi antes. Eu acho que foi em 80 e... 84, 85.

D - É.

A - Eu acho que eu faço referência a isso aqui.

L - É 84, 85.

D - Os Dias Nacionais eram de [19]80 a [19]84, quatro anos eles fariam.

A - Não, pois é, mas eu fui...

D - Aí, passado os quatro anos eles passaram a arrefecer, foi exatamente aí. Acho que foi em [19]86.

A - Eu não trouxe. Eu tenho um artigo que eu escrevi, (mexendo em papéis) que eu acho que está publicado aqui... Bom. Isso aí, depois a gente conta. Houve um surto justamente por isso: porque... o sucesso foi tão grande, que um determinado governo aí que eu não vou precisar de dizer qual é, pelo período vocês vão identificar...

D - Começaram a relaxar... (rindo)

A - Ele começou a dizer que já estava erradicada a pólio no Brasil. Então, a maioria das pessoas não foi... vacinar seus filhos. Então, nós tivemos um surto com 1800... não. 186 ou 1800, 1800 casos, né? Eu sei que é coisa de pólio, no Brasil inteiro, aí foi que o pessoal assustou e falou: “Não. E agora temos que tomar... E aí começou mais firme, viu?” Começamos a fazer dois dias nacionais com mais intensidade de propaganda e tal e coisa. (marcando com as mãos) e aí... foi... daí pra cá, começou a cair, cair, cair, cair... Eu acho que eu tenho...

D - Dr. Archimedes, o senhor mesmo...

A - Eu devia ter, eu devia ter um gráfico aqui com isso... Eu não tenho!? Porque, eu publiquei uma outra coisa, um outro livrinho, sabe? Mas isso foi pequeno e eu... e eu não trouxe.

D - O senhor mesmo mencionou que a poliomielite foi utilizada como uma bandeira pra conscientizar a população da importância, da necessidade de vacinar e aproveitar inclusive para vacinar as outras... contra as outras doenças, por isso o PólioPlus. Então, a gente admite que não existia mesmo essa consciência de que era importante vacinar. A que o senhor atribui que esses Dias Nacionais de Vacinação tiveram um, um sucesso tão grande, imediato? Porque, logo no primeiro já se vacinou quase 80% da população, não é? É... a que é que senhor atribui as mães terem levado as crianças nos postos pra vacinar?

A - Eu atribuo a consciência que eles foram ganhando, de que a coisa era imprescindível, sabe? Eu acho que nós temos que... às vezes nós desvalorizamos muito, viu? A capacidade de entendimento das pessoas de nível mais baixo nesse país, viu? E é ao contrário. Eu, durante os dias de vacinação... mesmo antes... não é? Antes do Rotary entrar, eu estava na secretaria de saúde, nós fazíamos campanha de vez em quando. Quando você ia nessas favelas aí e coisa... você via que... as mães chegavam pra vacinar e tal... já chegavam. E depois, como... foi dada uma divulgação muito grande aos dados que atestavam o sucesso dos Dias Nacionais de Vacinação e também se ampliou um pouco mais o apelo a essas mães e pais que trouxessem seus filhos para vacinar para as outras coisas, e dentro daquele clima de falar: “Olha, se não vacinar, ele vai pegar, pode morrer, e tal”, sabe assim? Eu acho, que isso ajudou muito, ajudou muito. Eu acho sinceramente que o programa de imunizações no Brasil é a maior conquista da nossa saúde (fala marcada com batidas na mesa) Sem dúvida nenhuma. Reconhecido internacionalmente. Eu quando chego a falar e tal, assim como brasileiro e tal, quando eu começo a falar o pessoal começa a escutar assim, não sei se é por causa da minha sobrelha,

mas fica... (risos) Aliás agora, a Fiocruz me mandou aquelas fitas que eles fizeram lá em Foz de Iguaçu... (risos) Me mandaram umas fitas todas. Eu fiquei imensamente feliz com aquilo, sabe? (interrupção da gravação)

Foi o resultado dessa consciência que o pessoal vai ganhando. Então, eu acho, sinceramente, isso aqui, é alguma coisa que até talvez não coubesse aqui, eu acho que a coisa mais extraordinária que nós temos observado nesse país, e eu tenho tempo de vida suficiente para examinar isso, é a conscientização que as pessoas estão ganhando de que ele é cidadão e que ele pode influir. Isso tudo o que está acontecendo aí no país não é assim no ar, não. (batendo sobre a mesa) isso aqui é gente que está procurando dizer: “Ó, tem que ser assim. Não é? Por que que não é?” Não é isso? Então, esse... o povão como se diz, está sendo mais receptivo a coisas dessa natureza. As coisas que o beneficiam chegam pra ele como espécie de uma benção, não é? Eles, às vezes estão tão carentes de tantas coisas que quando vem alguma coisa assim, que vai beneficiar, eles recebem aquilo, não é? É aquela expressão do: “Oh, graças a Deus!”, não é? Então, eu acho que... o sucesso depende, dependeu disso. E sobretudo uma coisa que eu louvo muito no Brasil é que nós estamos seguindo as diretrizes da Organização Mundial de Saúde de não interromper com o mesmo interesse esses Dias Nacionais de Imunização. Até que a gente possa realmente erradicar a pólio, como se fez com a varíola.

D – Falando em erradicação, eh... a OMS já tinha definido como meta pra erradicação da pólio no mundo, o ano de 2000. O Rotary é... definiu o ano de 2005.

A - Isso.

D - A mim parece, quer dizer, pelas informações, que foi inclusive posterior a OMS, quer dizer, (risos) depois da OMS ter decidido 2000.

A - Não, não, não. Não.

D - Esse 2005, foi eh... por conta assim, de avaliar as possibilidades de execução da erradicação da pólio no mundo ou por conta do centenário do Rotary, assim?

A - É, são as duas coisas, são as duas coisas.

D – São cinco anos de diferença, cinco anos...

A - Mas nós queríamos... porque esse é o maior programa que o Rotary já executou. (marca a fala com batidas na mesa) Programa corporativo, como nós sabemos, que envolveu todos os rotarianos no mundo inteiro, esse é o maior programa que nós temos. E, nada melhor do que comemorar os nossos 100 anos com o certificado de erradicação da pólio. Nós estamos fazendo todo o esforço e ainda... coincidentemente, eu ontem, recebi é... (mexendo em papéis) alguns dados da atualização de janeiro de 2001, porque nós caminhamos por semestre, assim avaliar, as nossas avaliações são: agora em junho se faz, depois em dezembro se faz, de seis em seis meses nós fazemos uma avaliação. Nós continuamos a acreditar que nós vamos atingir a meta de erradicação, não é? Em 2005. Nós pretendíamos obter o certificado de interrupção da circulação... (telefone toca) (interrupção da gravação) Nós estamos acreditando... nós esperávamos que nós tivéssemos um sucesso, mas as condições do mundo, onde há ainda 33 países que nós estamos atuando, que ainda não, não... ainda têm guerra casos de pólio, mas a maioria desses países são países que estão engolfados numa interna lá que tá difícil da gente resolver os problemas. Nós tivemos no ano passado e eu tô muito ligado a esse programa, porque dei uma assistência muito grande a ele, inclusive com o Ministério das Relações

Exteriores, em Angola. Foi que eu mandei lá esse grupo que foi... oh, meu Deus como é que ele chama?

Fita 2 – Lado B

A – Ele... eu fiz um grupo aqui de médicos: um médico, um pediatra, uma assistente social, é... não, um, um médico, uma epidemiologista, todos gente da melhor qualificação, esse o Édson? e mais uma moça de mobilização social. Eles passaram dois meses lá em Angola, que é... uma coisa assim que vocês nem tem idéia das dificuldades que existem lá. Eles foram muito bem recebidos, e tal, não tiveram problema nenhum, mas tiveram medo, né? Viajar de avião e tal. Mas, lá é um negócio que você não pode, viu? Você vê, às vezes gente tomando tiro e você na esquina.

D – Passa entre as balas cruzando, assim. O Eduardo Maranhão descreveu essa situação uma vez.

A – É, o Eduardo teve lá, viu? O que acontece é o seguinte é que felizmente é... a Organização das Nações Unidas tem dado uma cobertura muito boa pra gente. Com aquele jaleco, que nós usamos um jaleco amarelo com a insígnia do Rotary, lá na África estão botando: “Chute a Pólio para fora da África” e tal, eles estão conseguindo entrar nas áreas em conflito. Mas, mesmo assim uma coisa muito precária. Por que? As mães têm medo de se deslocarem com as crianças, porque não é só tiro não, são minas que são espalhadas pelo campo. É uma coisa que... só a gente vendo a gente entende, viu?

Então, nós temos países que estão assim. Eu estive em Gana, estive em Moçambique, estive na África do Sul, esses países que nós já... felizmente a coisa lá, vai indo muito bem, estão fazendo lá regularmente os Dias Nacionais, (barulho de helicóptero) na Nigéria, nós estamos fazendo agora três dias Nacionais de Imunização lá, viu? Mas, ainda temos problemas nesses países. E isso, a gente não tem perspectivas de quando isso vai terminar porque, são guerras econômicas, são grupos que estão de um lado sentado em cima... Lá em Angola por exemplo, um grupo está sentado em cima do petróleo, o outro em cima do diamante. Eles não largam aquilo de jeito nenhum, o dinheiro que eles conseguem é pra comprar armas pra matar uns aos outros, viu? (barulho de helicóptero)

Então, nós esperávamos realmente. Mas, nós temos consciência de que a coisa vai, vai chegar porque um país como a Índia por exemplo: a Índia é uma coisa extraordinária! O sucesso que nós tivemos na Índia e estamos tendo na Índia e no Paquistão... Olha, a Índia era o país que tinha o maior número de casos de pólio, viu? Nós... eles chegaram a reduzir a... Eu não quero dar os números porque, isso está gravado e depois alguém vai dizer: “Puxa, errou os números.”

D - Errou os números. (risos)

A - Então... mas olha, houve uma redução tão grande, viu? Lá em cada dia de erradicação, de vacinação, Dia Nacional de Imunização, eles mobilizam 150 mil rotarianos. Rotarianos e pessoas ligadas ao Rotary pra poder ajudar, porque é séria para não faltar vacina, pra vacina chegar na hora certa, e tal. E isso, se você deixar às vezes por conta só daquelas pessoas que funcionalmente estão encarregadas disso, às vezes as coisas não acontecem, eu não sei. Lá como aqui, (risos) deve haver a mesma coisa, não é? Então... Outro dia um camarada me disse um negócio lá em Pernambuco que eu fiquei muito feliz da vida, sabe? Conversando sobre, sobre a coisa... falando: “Ó! Que bonito isso que o Rotary faz.” Ele então me disse, é um homem, professor da universidade lá, ele me disse: “Olha, Dr. Archimedes, no dia em que eu vi um diretor do Banco de Pernambuco, de roupa esporte e de tênis...”

D - Vacinando.

A - ... botando a gotinha na boca da criança, eu fiquei pensando: “Puxa! Como é que o sujeito... Só o Rotary mesmo podia fazer com que o sujeito não tivesse vergonha de fazer uma coisa dessas”. (risos) Porque senão os outros iam pensar que ele estava fazendo aquilo de demagogia, não é? E é verdade! Então, o que a gente resalta é esse poder de mobilização que nós temos para fazer com que realmente a vacina chegue na boca da criança. E, inegavelmente, nós temos que ressaltar que as outras entidades, as outras três entidades que colaboram são muito eficientes, o Unicef⁹ e o Centro de Doenças Transmissíveis, lá dos Estados Unidos, e o Rotary, viu? Porque, isso tudo forma uma, uma coalizão, vamos dizer assim, de vontades que funciona muito bem, não é? E esse pessoal da... aqui... nossos brasileiros que têm ido aí pro exterior, esses [Fernando] Laender¹⁰ todos aí, [José] Fernando Verani¹¹, têm um prestígio lá na África que você precisa ver. Mas não é prestígio de pessoa assim, não. É prestígio do Presidente da República dizer: “Pois é! Tem um brasileiro aqui chamado Fernando Verani e tal... que trabalhou...” Vocês têm visto o Verani?

D - Vimos agora recentemente, porque ele veio... Ele está na Somália? Não é isso?

A - É, ele está lá.

D - Estava na Somália, aí ele veio...

L - Ficou um ou dois meses aqui...

D - É, eu acho que não chegou nem a dois meses.

L - E vai pra Washington agora....

D - E vai está... Já foi. Não, ele viajou, voltou e vai pra Washington.

L - Vai trabalhar em Washington.

A - É, ele tem feito um trabalho extraordinário, viu? Fernando, eu gosto dele demais (barulho) sobretudo porque é um homem... que se dedicou à essa causa de uma maneira tão intensa que é digno de todos os elogios. Desde a época da campanha da varíola, não é?

⁹ UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

¹⁰ Ref. A outro entrevistado do projeto Dr. Fernando Laender.

¹¹ Ref. A outro entrevistado do projeto José Fernando de Souza Verani, formado em Ciências Sociais.

D - Da varíola.

A - E ele é muito respeitado, e é um homem muito afável, não é? Sabe conversar com as pessoas, e tal. Isso! Então, nós temos muito orgulho do pessoal lá da Fiocruz, desses que vão por aí a fora, porque quando chega lá, fala: “Ó, teve um brasileiro aqui, um tal de [Fernando] Laender assim” (risos) E aí começa, não é? E é muito bom! Eu achei, eu acho que a Fiocruz tem dado... um... uma, um, uma contribuição muito grande. Eu sou às vezes, eu não sei se posso gravar isso, uma vez, eu estou... uma ocasião tinha uma Dr.a lá do laboratório, uma que é muito bonita, uma alta e tal... que ficou de me mandar um projeto, pra eu conseguir algumas coisas lá pro laboratório da Fiocruz que ela estava precisando... Nunca mandou... Não pude fazer nada! Porque, nós temos um programa, chama Parceiros Pólio Plus. Nós interrompemos a contribuição, assim, o pedido de contribuição direta para a Pólio Plus, como fizemos durante a campanha. Porque, foi um... arrecadar essa quantia de dinheiro toda, não foi brincadeira, não é isso? Então, nós temos um programa que chama Parceiros Pólio Plus, são contribuições assim espontâneas, mas o dinheiro desse programa é só pra mobilização social nos Dias Nacionais de Vacinação e para ajudar na notificação de casos de paralisia flácida e exames laboratoriais para confirmar ou não o caso suspeito de pólio (fala pausada e marcada com batidas na mesa). E, como o nosso... Fiocruz é um hospital de referência... a gente tem... Ele está muito bem montado. Estão fazendo a coisa muito bem feita, mas se a gente... Eu falei com ela: “Ó, se você tiver alguma dificuldade lá... por aí, uns 50 mil dólares, por aí e tal, a gente arranja. Mas, acho que não houve necessidade porque, senão ela teria mandado certamente.

D – É. Pode ter chegado recurso de outra fonte, né?

A – É, às vezes chegou de outra fonte.

L – E aí resolveu de outra forma.

D – Resolveu a montagem do laboratório ou a melhora do laboratório. É...Dr. Archimedes, nós não vamos... (risos)

A - Não! É, eu sei que não. Nem eu...

D - É eu queria saber um pouco assim, como foi o seu trajeto pro, pro... PNI¹² no Brasil. Quer dizer, o senhor estava como médico em Caratinga, aí veio... pra Secretaria de Saúde...

A - Fui ser chefe, diretor do Departamento Estadual da Criança...

D - Aqui em Belo Horizonte...

A - É, em Minas, né? (risos) O órgão era...

D - Certo. É mais aí o órgão era aqui.

A - Atendia a todas as, as, as... naquele tempo tinha muitos postos de puericultura, associações materno infantis, creches, a gente atendia muito, saúde escolar, tudo fazia parte do departamento. Hoje acabou! Acabou o Departamento Federal, acabou o Estadual. (risos)

D - Acabou os estaduais. Aí, em 1971, houve um Plano Nacional de Controle da Poliomielite. Acho que já com o Dr. [João Batista] Risi [Júnior], né? É... E parece que o senhor já participou desde o início disso?

¹² Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações.

A - É, eu participei porque, eu estava na Secretaria da Saúde. (pigarro) Foi na época em que eu conheci o Carlyle de Macedo. Eu conheci o Carlyle antes do... antes do, do Risi. O Risi eu só conheci quando nós estávamos já na campanha do, da... da PólioPlus, não é? Mas, nós fazíamos vacinações aqui já contra a paralisia infantil em termos de campanha mesmo! É... eu me lembro que nós fizemos uma reunião na Escola [Nacional] de Saúde Pública, veio o, o... o Carlyle de Macedo, que era naquele tempo... ele tinha sido Secretário de Saúde do Piauí, não é?

D - É.

A - E foi, e foi pro Ministério. Então ele veio cá e tal, fez uma palestra muito interessante, e tal e falando sobre isso, não é? E, eu, isso eu digo com toda sinceridade, viu? Porque, nessas coisas eu sou um homem extremamente aberto, não falo por vaidade, mas a minha formação de pediatra, sempre me induziu a valorizar mais a medicina preventiva, sabe? Isso eu herdei do Fernandes Figueira, Instituto Fernandes Figueira, que a gente foi conscientizado que fazer puericultura, fazer... ensinar as mães à prevenir a, a, a... os distúrbios de alimentação... essa coisa toda, não é? E eu sempre tive muita consciência na minha clínica, entendeu? De não falar com a mãe: “Ó, a senhora faça assim.” Não, eu escrevia. Tinha... e algumas coisas até eu já tinha escrito, não é? Porque, eu acho que (pigarro) o contato entre o pediatra e a mãe é um contato tão singular, que você tem que aproveitar o máximo, primeiro, pra ela sentir que você é um colaborador, que quer ajudar a ela a... criar o seu filho. Vocês têm filhos?

L - Ela tem. Eu não. (riso)

A - Eu acho que... as pessoas da minha geração de pediatras absorveu essa idéia de que nós... não é, não é ser conselheiro da família não, sabe? É ser parceiro realmente na coisa do filho. Da mãe quando chegar no consultório assim ou você ir lá na casa dela assim, falar: “Ah, mas olha, o Joãozinho hoje está assim, Então vamos... e tal...”, viu? Coisas assim que a gente ganha a confiança... Eu posso contar uma historinha?

D/L - Pode.

A - Eu gosto de contar sempre essa história. Uma ocasião... eu ainda estava clinicando lá em Caratinga, nasceu uma meninazinha, filha de um engenheiro da Rio-Bahia, que era uma pessoa daqui de Belo Horizonte, e ela foi pra lá com a criancinha novinha, não é? E, aqui tinha um professor de pediatria que era... me conhecia bem... professor Pedro (inaudível) uma grande figura da pediatria nacional até. Então, quando ela foi pra... ela era cliente, a outra filha dela era cliente do... (inaudível): “Ah, tem um rapaz lá assim, tal, se precisar pode falar com ele, que ele é capaz de te ajudar.” (risos) Bom. E ela foi minha cliente e tal. Quando chegou uma noite ela me telefonou, que a menina estava chorando a umas duas horas, que não tinha jeito de parar e tal, que eu fosse lá e tal. Eu nunca deixei de atender ninguém que me chamasse. Aí cheguei lá eu vi, a menina estava... a luz do quarto toda acesa, a cortina puxada e tal e a menina com aqueles macacõezinhos que usavam, ainda usa até hoje, né? Não era tempo de frio, mas ela estava com aquele negócio todo, com fralda... Aí eu cheguei, e tal... ela me contou a história “Ah, porque está chorando.” E a menina chorando e tal... eu fui passando a mãozinha na cabecinha dela assim. Mandei...

D/L - Apagar a luz.

A – ...apagar a luz, não é? E estava um pessoal conversando, a empregada lá, falei: “Ó faz silêncio”, então depois que eu a acalmei, (risos) mandei abrir a janela, tirei a roupinha dela toda, deixei só com uma fraldinha e tal, assim, e aí a menina... parou de chorar e tal...

L - Serenou.

A - Aí eu falei com a mãe: “Vamos sair que ela quer dormir”. (risos)

L - Ah, era sono. (rindo) Nossa!

A - Ela até hoje... ela mora aqui agora. A menina já é, está grande, já tem até filhos, (rindo) sabe? Ela outro dia... a pouco tempo a encontrei numa recepção aí, não é? E ela falou, “O Dr. Pedro? tem uma vergonha do senhor.” (risos) Não, uai! Isto não é pra vocês gravarem, não, isso é só pra amenizar um pouco a minha conversa com vocês.

D - É... uma outra questão que a gente queria ver com o senhor, Dr. Archimedes, é... eu acho que só no Brasil foi usada a vacina oral exclusivamente na campanha de erradicação da pólio, não é? Em vários outros países se usou a injetável e a pólio, aqui nós só usamos a oral...

A - Sei. Houve uma coisa interessante. Também o trabalho que foi muito... Nós estávamos fazendo... Nós estávamos vacinando... porque a vacina tem três tipos, vocês sabem, não é? Tipo um, dois, tipo três. Nós estávamos vacinando apenas só com dois tipos e tal, mas depois nós vimos que estava um... e, e, e foi feito um... e a Fiocruz, identificou os casos em que foram diagnosticados...

D - Tipo três.

A - É, a Desireé, ela diagnosticou, então nós tivemos que ampliar a tipagem das vacinas e o negócio funcionou muitíssimo bem, sabe? Eu acho que isso foi uma coisa também de grande, de grande importância. Eu ressalto sempre isso, porque foi um trabalho feito aqui no Brasil, com consciência de que queria mesmo, realmente erradicar. Agora, o problema é o seguinte: há alguns países da Europa, principalmente na Holanda e alguns países da Europa que, é... eles, eles receberam primeiro a vacina Salk, viu? E começaram a aplicar, aplicar, aplicar e depois acharam que a vacina é... de vírus mortos, era melhor do que de vírus vivos, né? E começaram a manter... Mas hoje generalizou-se o emprego da vacina oral e não há mais esse problema, não. Mas houve, houve e sério, ouviu?

D - Quer dizer nos outros países também está sendo aplicado vacina oral?

A - Vacina oral, vacina oral. Ela se generalizou, porque... tem muitas vantagens. Custo: 50 centavos de dólares, numa vacina sem necessidade de seringa descartável, nem nada e coisa, um pinguinho ali, e tal, duas gotinhas e tal, não tem... não tem porquê, deixar e ficou comprovado já hoje amplamente no mundo e toda a vantagem da vacina oral e a segurança do seu emprego. Isso que eu acho que é fundamental e que fez com que ela ganhasse essa... esse conceito. Acho que todo o mundo adota a vacina oral, não é? E a própria Organização Mundial de Saúde assim, nos seus programas, ela enfatiza a espécie de... assim... oficializou, não é? O emprego da vacina oral e se não fosse assim, nós não tínhamos chegado a isso que nós chegamos agora não.

D - E até a aceitação das crianças, né?

A - Muito maior.

D - Muito melhor que... São duas gotinhas ao invés de uma injeção.

A - Muito maior, maior, maior. Você não viu o sarampo, não é? O sarampo... alguma coisa é... tem que injetar [a vacina do] sarampo e tal. A criança já... fica, não é? Outra coisa, a criança também já está hoje assim, sendo educada desde o princípio de que vacina é uma coisa boa, né? Quer dizer, o menino começa a tomar a vacina muito cedo. Começa o calendário de vacinação, começa... com dois meses, ele já toma a tríplice e tal, não é? Depois toma a Sabin, quer dizer então, a própria criança já está aceitando que vacina é uma coisa importante, né? Na inconsciência dela ela é consciente. Inconsciente relativa porque a criança é consciente desde o útero materno. (risos) Segundo os mais entendidos do que eu. (risos)

L - É. (risos)

D - Segundo os da área da psiquê, né?

A - É.

D - Dr. Archimedes, o senhor acha que o acidente de Cutter, Cutter, por exemplo, teria influenciado na aceitação da Salk? Teria produzido no imaginário alguma resistência maior em relação à Salk?

A - Teve! Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma. Porque, foi um negócio que... foi uma falha da fabricação da vacina que redundou na morte de centenas de crianças, não é? Então... e, e, e... e eles próprios, o próprio laboratório depois teve que reconhecer e o governo mostrou por que foi, o que tinha acontecido. Eu acho que isso arrefeceu um pouco, não é? Eu acho que o [Jonas] Salk teve uma grande... deu uma grande contribuição, não é? Porque, depois do isolamento do vírus, foi ele que naturalmente descobriu, ou melhor, preparou a vacina pra poder fazer. Eu acho que ele teve uma contribuição... e, eu acho que tudo na medicina, e em qualquer coisa, há um processo evolutivo. Coisas que a gente às vezes, no passado, achava que não ia dar certo, hoje está aí consagrado como alguma coisa, não é? ... Precisa testar!!

D - É. E de repente outro dá certo porque, se chegou em algum ponto no passado, né? É meio cumulativo isso.

A - O Arnold Toynbee dizia uma coisa que eu acho que é fundamental: “O passado é a luz que ilumina o futuro.” E é mesmo! Se a gente for olhar as coisas que vieram se sucedendo e tal, naquela gradação até chegar ao dia de hoje e o que vai se projetar pro futuro, é uma luz que a gente não pode desprezar.

D - O senhor acha que o processo político de municipalização da saúde aqui no Brasil ajudou na questão das campanhas de vacina?

A - Olha, eu, sinceramente... eu acho que não ajudou, mas não atrapalhou, sabe? Não atrapalhou. Há uma consciência hoje da própria população que se eles não fizerem, eles estão falhando. É aquilo que eu disse a vocês aqui, ainda agora a pouco: esse... essa consciência que o povo está ganhando de que ele tem alguns direitos que não é... que não pode ser interrompido numa, numa, numa... sucessão assim administrativa, que não tenha entendido o que o outro está fazendo atrás. Eu acho que isso é uma coisa que... o Brasil foi muito prejudicado pela interrupção de programas por problemas de sucessão e tal... de administrações e... nas várias áreas. Foi muito prejudicado, mas eu estou achando que hoje, já nós estamos ganhando consciência de que, entre quem entrar, (marcando com batidas na mesa) se ele não continuar, ele vai ser obrigado a explicar porquê e aí ele vai continuar. Eu ontem assisti uma...

D - Agora só pegando isso que o senhor tá falando. Quer dizer, a gente sabe que os projetos, as propostas do governo, seja em que nível for, sofrem muita solução de continuidade por conta de mudanças no primeiro escalão, no segundo, aí vai...

A – É, esse é um problema no Brasil.

D - E nesse período em que começou os Dias Nacionais de Vacinação até agora, houveram¹³ várias mudanças. Por que será que não houve mudança nos Dias... nessa proposta dos Dias Nacionais de Vacinação?

A - Eu acho justamente isso: primeiro, a consistência do programa e depois a consciência política da população que o programa era importante e que não podia ser interrompido. Qualquer governo que interrompa hoje o programa de vacinação, ele cai no descrédito da população. Quer dizer, a população já está entendendo que esse, por exemplo, esse programa de imunização... qualquer programa de saúde, educação e tal, esse programa é um programa válido, deu resultados., há uma perspectiva de que ele precisa continuar, não é? Pra nós estamos seguros de que nós não vamos importar casos de poliomielite e chegar aqui não encontrar pessoas vacinadas, como aconteceu recentemente na Holanda, como aconteceu lá, em... agora na... em, em... em São Domingo, ali na América Central, não é?

L - Na República... Dominicana, não é?

A - República Dominicana. República Dominicana.

D - Na República Dominicana foi vírus vacinal.

A - Pois é... diminuíram um pouco, pronto! Imigra, o vírus imigra. E no Brasil, nós temos alertado sempre. Nós hoje temos uma facilidade de comunicação com os países da África, aonde vem... Japão e tal... Japão não. É... Índia, onde tem casos, não é? Que podem imigrar para aqui e eu acho que o governo está consciente disso. Naquela comemoração dos dez anos sem pólio no Brasil... Vocês estavam lá em Brasília?

D - Não.

A - Pois é. Nós fomos lá, o Serra me convidou e tal, fomos lá. E, numa conversa particular e tal... e ele, estava dizendo: “Pois é, nós estamos certos de que realmente (marca a fala com batidas) é preciso continuar os Dias de Vacinação, porque...” Quer dizer, repetiu aquele jargão, que nós temos falado sempre, né? Nós todos que estamos na área técnica, técnica ou assim administrativa, né? Não pode, não pode, não, senão nós vamos, daqui a pouco, aparecer um caso aí... e se aparecer um caso... nós temos esse programa... o Alceni Guerra quando era Ministério da Saúde, ele deu autorização, criou em cada Rotary Clube um posto de notificação da pólio. Nós estamos sempre motivando os nossos companheiros para que, se for possível, antes de qualquer autoridade, eles notifiquem os casos suspeitos, qualquer paralisia flácida e isso está sendo sempre lembrado: “Olha, paralisia flácida, tem que falar com o médico do posto e tal...” Então, se a gente naturalmente for disseminando esse tipo de alerta, aí nós vamos evitar que aconteça o pior, né?

D – (interrupção da gravação) O que a gente queria saber, é se existe doação ao governo para aquisição de vacina por parte do Rotary, aqui do governo brasileiro. O Rotary repassa verba pro governo?

¹³ A entrevistadora se confundiu e usou a forma incorreta do português. O correto é houve várias mudanças.

A - Nós repassamos, até 1991, seis milhões de dólares. Não foi de... reais, na época, cruzeiro não, de dólares. Nesse livro aí¹⁴, vocês vão encontrar um documento em que está o nosso compromisso de fazer esse tipo de doação. E, isso foi feito integralmente com grande proveito, porque é... não faltou vacina, numa época muito difícil que o governo tinha dificuldade de recurso e tal, não é? E foi uma... eles mesmos... eh... reconhecem isso, que foi uma contribuição... excepcional, mas depois disso não. Nós não... Nós... porque também, o governo entrou naquele esquema, não é? De colocar (telefone tocando) no orçamento... (interrupção da gravação)

D - Bem, aí o senhor estava dizendo que o Rotary até 1991 doou seis milhões de dólares ao governo brasileiro para aquisição de vacinas, né?

A - Sim.

D - E aí...

A - E doamos mais 370 mil dólares para... eh... vigilância epidemiológica e outras coisas que tinha, mobilização social e tal...

D - Isso é dinheiro arrecadado no Brasil mesmo ou é dinheiro que vai pra Fundação Rotária...

A - No mundo inteiro...

D - E aí é distribuído?

A - As contribuições são feitas à Fundação e a Fundação é que, é que decide pra onde vai mandar. Nós fizemos um projeto, na época, fizemos um projeto apresentando as razões do Brasil e, junto com o Ministério, o Dr. [João Batista] Risi e o pessoal dele lá, e... e Fundação Rotária aprovou. E foi muito bom! Foi uma contribuição valiosíssima.

D - Agora nesse sentido, assim, como, como que é a relação do Rotary com os órgãos oficiais do governo? Independente do Dr. Risi que a gente já percebe que é bastante positiva... (risos)

A - Não, não. Agora, não. Não, não, foi naquele tempo, né? Agora, não. Tem sido muito boa. Acontece o seguinte, durante algum tempo nós tínhamos uma, uma, uma... uma comissão que era constituída pelo Ministério da Saúde, a Unicef, a Sociedade de Pediatria, a Pastoral da Criança com a Dr.a Zilda Arns¹⁵ e essa comissão chamava... é... não me lembro. E eu fazia parte dessa comissão, representando o Rotary, sabe? Não lembro agora... eu estou confundindo com Técnico Assessor, que é outra coisa da Organização Panamericana. É... Comissão de Apoio Agencial, o pessoal da... A Fiocruz também fazia parte, nós éramos sete ou oito e a gente tinha reuniões periódicas, pelo menos duas vezes por ano. Mas, depois... há uns seis anos, talvez cinco anos que não há, não houve mais reunião desse tipo, os outros ministros não se interessaram, não é? Talvez foi porque a coisa já estava num... numa fase mais adiantada, né? Não tinha aparecido caso nenhum, né? Mas esse...

¹⁴ O depoente se refere ao livro “Memória do Pólio Plus”.

¹⁵ [médica pediatra](#) e [sanitarista brasileira](#). Fundadora e coordenadora nacional da [Pastoral da Criança](#) e da [Pastoral da Pessoa Idosa](#), organismos de [ação social](#) da [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil](#).

Fita 3 – Lado A

L – Fita número três.

D – Enquanto essa, essa comissão existiu eh... havia participação do Rotary nas decisões, eh.....

A - É... a gente...

D - ...do Ministério em relação a pólio?

A - ...a decisão sempre é do... é do Ministério, não é? Nós éramos assim... colaboradores, levávamos idéias e a gente discutia algumas coisas. Por exemplo, chegou uma época que estavam com um pouco de dificuldade de, de, de... de vacinas porque, o laboratório lá... havia uma celeuma de um dos laboratório que fornecia e tal... queria aumentar o preço, e tal... coisas dessa natureza. Não era para modificar o programa, nem nada não, era uma espécie, assim, de acompanhamento do desenvolvimento do programa, não é? Que era muito interessante porque a gente ficava sabendo, o Ministério apresentava sempre a suas... os seus relatórios, e tal, faziam uma exposição, a Unicef também, o Unicef também fazia, não é? Era, era o Bernard Cântero. (inaudível) Não sei se vocês conhecem o Bernard Cântero?

D – Só de nome...

A - Ele... É. Ele é que representava, agora mudou lá e o pessoal da Fiocruz era aquele... aquele... como é que ele chama? Aquele alto... (telefone tocando)

D - Hermann.

A - O Hermann, viu? E... a gente ia pra Brasília, ficava o dia inteiro lá...

D - Hermann Schatzmayr.¹⁶

A - Schatzmayr. Tinha um nome muito complicado, né?

L - Cheio de consoantes demais.

A - Ele está lá ainda?

D/L - Está.

¹⁶ Ref. A outro entrevistado do projeto médico veterinário Dr. Hermann Gonçalves Schatzmayr.

A - Grande sujeito aquele! Eu tenho me encontrado com ele nessas reuniões do Grupo Técnico Assessor. Ele vai sempre. Nesse lá de Foz de Iguaçu, ele não foi não. Foi o Akira, foi o... que era a comemoração do aniversário da Fiocruz, não é¹⁷? (risos)

D - Ah, foi!

L - Foi, ano passado foi.

A - Me deram uma camiseta. Eu podia ter vindo com ela hoje aqui. (risos)

L - Aquela azul escura?

A - É, pra identificar... me identificar com vocês. (risos)

D - É. 1900 e 2000. É.

A - E eu conheci o rapaz que trabalhava nessa divulgação, né? O... eu não sei, não me lembro o nome dele, que eles apresentaram um painel muito interessante e depois as fitas gravadas, e tal, e me mandaram essas fitas. Ficou muito bem aqueles painéis que eles fizeram lá com toda a história, assim, e tal... vocês devem ter colaborado.

D - hum, hum. Dr. Archimedes, o senhor sabe... o senhor acha que o governo...

A - Eu só queria ter... desculpe de interromper... porque eu fiz uma referência anterior. Atualmente, o governo brasileiro, o Ministro e tal, o pessoal da Fundação Nacional de Saúde, sabe do nosso interesse e do nosso apoio, sabe? Agora, por exemplo, no ano passado, quando nós trouxemos esse grupo lá da... lá de Angola, eles... passaram uma semana em Brasília, no Ministério, e tal, e depois vieram pra aqui, e depois foram pra Pernambuco, depois foram pro Rio. Eles visitaram lá a Fiocruz, viu? É... eles deram um apoio... E é natural, a gente é parceiro, não é? E... Eles entendem isso, que o nosso interesse é realmente de ajudar. E, (pigarro) a gente encontra por parte do governo, assim, sempre, uma abertura muito grande.

Esse programa de Angola... eu tive até uma certa surpresa. Eu fui até lá no Ministro com o Carlyle Macedo, que o Carlyle já estava aqui em Brasília, que ele aposentou-se está lá em Brasília, não é? E o Ministro disponibilizou o Ministro das Relações Brasil e com os países da África, viu? Para ficar à nossa disposição para qualquer problema. E ele nós ajudou muito, sabe? Porque, nós tivemos problemas às vezes de visto, sabe? Tivemos um problema sério com o pessoal de Angola, pra entrar aqui, depois pra voltar. E ele... resolveu tudo da melhor maneira, e tal... e sempre com muito apreço ao Rotary, e tal... A gente precisa ressaltar sempre isso, né? Nós temos encontrado do governo uma atitude realmente de parceria.

D - Hum, hum. Que dizer, então sempre houve da parte do governo um reconhecimento de...

A - Ah, houve, houve, houve!

¹⁷ O depoente se refere às comemorações pelo centenário de criação da Fiocruz em junho de 2000.

D - ... todo esse trabalho que o Rotary tem feito.

A - Ah, houve! Eles são muito bem... Eles são informados porque, em cada reunião dessa o pessoal diz, não é? Do... e as publicações da Organização Mundial de Saúde, e tal, sempre fazem uma referência muito elogiosa do Rotary.

D - Hum, hum. Bom, sobre a proposta do Seminário Nacional de Vacinação, (risos) a gente queria que o senhor falasse um pouco disso.

A - Aquele Seminário que nós fizemos aqui?

D - É .

A - Fizemos um seminário...

D - ...e se tiver material também sobre esse seminário, se o senhor...

A - Nós temos... Eu posso talvez depois mandar isso pra senhora porque, talvez eu não... porque a minha... eu tenho... o negócio é meio complicado de achar, está... porque, sobretudo eu estou preparando agora... eu vou pra Portugal, dia 15. Vou representar o Presidente do Rotary Internacional numa Conferência lá em Portugal. E... e estou preparando o negócio, porque (risos) a gente quando vai nessa, nessa missão... é ... é distingüido... você é recebido pelo Presidente da República, e tal... então, eu preciso de levar umas coisas assim, que, naturalmente, além do Rotary, a minha condição de brasileiro, o que lá em Portugal facilita muito, mas de qualquer forma, não é?

Eu conheci o presidente aqui, quando ele visitou Belo Horizonte, numa reunião que tivemos lá na sociedade dos portugueses, e tal... gostei muito dele, sabe? E vamos ver! Mas, é justamente por isso, porque eu amanhã... amanhã é sexta-feira, não é? Talvez, eu não sei se as senhoras vão ter condições... Eu estou chamando a senhora, parece que é senhorita ainda...

D - Não. (risos) Mas é melhor chamar todo mundo de você.

L - É melhor todo mundo de você, que aí num dá esse tipo de problema, né Dilene? (risos)

A - Então eu tenho, eu tenho... Isso eu aprendi com meu pai, sabe?

L - O senhor fica à vontade, Dr. Archimedes.

A - Você não chama, você não chama coronel de tenente e nem senhorita de madame. (risos)

D - Nem senhorita de quê?

L - Madame. (risos)

A - Mas... o... eu posso depois? Eu tenho o endereço lá da Fiocruz, posso mandar pra Fiocruz mesmo, não é?

D – Isso.

A - Eu posso depois mandar pra senhora alguma coisa que eu achar mais interessante, porque, eu não fiz uma... eu não tive a pretensão de botar esses documentos todos que eu tenho porque eu falei assim: como é uma coisa oral, não é? Naturalmente que eu não preciso de mostrar os documentos. (risos)

D - Não! Claro que não! Mas não seria por isso.

A - Não. Eu sei! É porque vocês querem...

D – Porque, tem toda uma pesquisa maior.

A - Mas eu vou, eu vou, eu vou lhe mandar, viu? O que eu não puder entregar amanhã eu, eu, eu mando depois...

L - Certo, manda posteriormente. Tudo bem. hum, hum.

A - E eu faço questão disso, sabe? Porque nós, rotarianos, e a maioria dos rotarianos se queixa, às vezes, muito porque o trabalho do Rotary não é reconhecido, viu? Às vezes até merece umas cartinhas que a gente é obrigado a escrever, porque as vezes o sujeito fala: “Ah, o Brasil não tem mais pólio, e tal, e tal...”, mas nunca...

D - Não se refere ao Rotary?

A - Ninguém põe uma coisa que nós fizemos. E é uma coisa que é reconhecidamente como grande... uma grande... foi uma grande contribuição. E está sendo ainda, né?

L - Sem dúvida.

A - Mas então, vamos adiante.

D - Era sobre a proposta do Seminário Nacional de Vacinações, para o senhor falar pra gente um pouco sobre isso, como é que foi a sua vivência nessa...

A – Não. Aquele seminário nós realizamos aqui em Belo Horizonte, era Ministro aquele lá do Paraná o...

D - Alcení Guerra?

A - Não. Outro... Vi o retrato dele aqui hoje. (começa a procurar no meio de papéis ou fotos)

D - Paraná?

L - Que eu me lembre...

A - (pausa) Ele era um Deputado muito conhecido (continua à procura das fotos) Ah, aqui ó! É este aqui, ó Breno da Silveira, não é? (pausa) Não, Carlos... Luis Carlos Borges da Silveira.

D - Ah! Ele é do Rio Grande do Sul.

A - É do Rio Grande do Sul?

L - É, do Rio Grande do Sul.

D - É. É.

A - Rio Grande do Sul? Eu estive com ele lá nos dez anos da (ininteligível). Olha o [João Batista] Risi aqui, ó! Tem o Risi aqui. Bom, esse Seminário nós fizemos com o intuito de preparar os rotarianos para o trabalho que nós estávamos pedindo a eles que fizessem, não é? E, eu fiz questão da gente reunir a cúpula da saúde no Brasil, inclusive com as representações da, do Unicef, e tal, Fiocruz, esse negócio todo, para mostrar que havia uma identidade de pensamento com respeito às coisas que nós tínhamos que fazer. Nós preparamos um documento, que esse eu tenho certeza que eu posso mandar pra vocês, “O que vamos fazer nos Dias Nacionais de Imunização”. Então ali... era um roteiro para os rotarianos, não é? Nós começamos até mostrando a eles como eles deviam se acercar das autoridades de saúde, não é? Vencer algumas [sic] obstáculos, e tal, né? Às vezes alguma incredulidade de porque nós estávamos nos associando nisso, porque muita gente fica falando: “Ah, o que os rotarianos tem a ver com esse negócio de... de vacinação?” não é isso?

D - De vacina.

A - Então, esse documento foi muito interessante. Nós... esse documento nasceu desse seminário. Além dessa Carta de Belo Horizonte, que é uma proposta...que nós fizemos ao governo pra não interromper... pra não... manter... Ah, essa, essa... vocês vão ler essa aí e você vai ver que é uma coisa interessante que... e está assinado por todo mundo: Presidente da Sociedade de Pediatria, e tal... nós e era um compromisso que nós queríamos que o governo assumisse, disso tudo que nós estamos dizendo aí: de não haver solução de continuidade com o Programa. (marcando a fala com batidas na mesa) E a coisa foi muito bem recebida. Depois disso, então, nós fizemos seminários regionais. Havia no Ministério da Saúde uma moça chamada Dr.a Domicina. Não sei se vocês...

L - Domicina.

A - Conheceram?

L - É, não. Ainda não. A Dilene a conhecerá.

D - Ela está em Natal.

A - Ela está em Natal lá hoje.

D - É isso.

A - Eu encontrei com ela recentemente.

D - É.

A – Não! Nos “Dez anos da, do, da Pólio”, ela veio, nós tínhamos a Domicina e o, o, o... o Bernard Guenter? do Ministério, eu ia pessoalmente nesses Seminários e fizemos oito seminários regionais: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Florianópolis, São Paulo e Mato Grosso, no Rio, fizemos Rio. E assim... Lá no Norte... Fomos até Manaus, na Amazônia. Aliás, foi uma coisa interessantíssima também... a Fundação Rotária financiou, nós... nós mandamos... cada Distrito tinha dois rotarianos encarregados: um presidente da Comissão Distrital da PólioPlus e um outro rotariano que era o...vice-presidente ou qualquer coisa assim. Nós reunimos esse pessoal todo com recursos pagos pela (inaudível) com hotel, com seminário, e tal, pessoal do Ministério, e tal (marcando a sala com batidas na mesa) e isso preparou os rotarianos para que eles executassem aquele trabalho indispensável de mobilização social, viu? Teve bastante repercussão na imprensa, e tal... a gente dava entrevista, eu a Domicina o Guenter, né? E... mostrava...

D - Que dizer, na verdade o Rotary não entrou na campanha de vacinação desde o início? Entrou? Aqui no Brasil?

A – Não, não entrou desde o início. Só entrou quando a Organização Mundial de Saúde nós convidou que foi em 1986, não é? E o Brasil antes já estava fazendo... não!

D - Até então o Rotary participava como voluntário, né? Assim...

A – É, era convocado, porque...

D - ...na execução da campanha mesmo, entrava como voluntário.

A - Não. Naquele tempo não tinha o Programa PólioPlus.

D - Não, não, não é PólioPlus não, o Programa de Controle da Poliomielite, do PNI.

A - Ah, o PNI também.

D - Que é desde 1980, os Dias Nacionais de Vacinação.

A – É isso aí existia, já existia. Mas o que o... algumas cidades do interior convocava os rotarianos pra ajudar, eles ajudavam. Já ajudavam. Mas não era...

D - Um trabalho voluntário dos rotarianos?

A - ...não era sistematizado esse trabalho, sabe? Era uma coisa assim voluntária. e tal, viu? Senhoras ajudaram muito, mas depois não. Depois passou a ser uma obrigação porque o próprio Rotary Internacional...

D - Estabeleceu o PólioPlus....

A - ...fazia essa motivação... procurava fazer essa motivação diretamente através dos clubes e através da Comissão Nacional. Como nós estamos fazendo hoje nos países lá da África, a mesma coisa, viu? Isso aqui, isso eu tenho também lá, po... posso... posso lhe dar. Tem um livro que se chama “O Desafio”. Eu tenho a capa dele aqui, do (incompreensível)

D - Ah! eu vi. É.

A - Esse livro é um roteiro, sabe? Que se estabeleceu pra... ..

D - Esse aqui está tão novinho que as folhas estão grudando...

L - É. ...

D - Ah! Não precisa apresentar a doença como paralisia infantil.

L - Não, é... pois é!

D - Esse livro não tem nenhum... (inaudível)

A - O quê?

D - É... (risos) porque falou assim... Aqui ó! É esse aqui, né?

A - É, esse livro aí. Esse livro aí, viu? Foi elaborado pela Organização Mundial de Saúde, o Rotary e o Unicef...

D - Um guia de ação...

A - É um guia de ação, viu? Então, aí explica tudo e nós aproveitamos para distribuir fartamente esse tipo de... mas traduzido para o português, naturalmente, né?

L - Sim, claro.

A - E aí...

D - Esse aqui fala sobre a pólio e a vacina. Deve ser esse.

A - Tudo. Tudo, tudo, tudo.

L - É, deve ser esse que ele... hum, hum.

A - Então esses seminários, nós realizamos esses seminários preparando os rotarianos para esse tipo de mobilização que eles iam fazer, não é? Como é que eles deviam abordar a imprensa, como é que eles deviam falar... (mexendo em papéis) porque o Rotary faz um negócio muito bem feito. É da nossa tradição...

D - Isso foi uma iniciativa do, do, da Comissão Nacional?

A – Não, isso foi da... O Seminário foi da Comissão Nacional, mas a orientação...

D – É, mas foi uma iniciativa aqui do Brasil ou orientação do Rotary Internacional?

A – Não, foi orientação do Rotary Internacional. Nós contratamos um grupo de assessores especiais também pra poder elaborar os documentos que nós... que nós divulgamos, sabe? A coisa não foi feita assim na base do amadorismo não, foi profissional... (risos)

L - Com certeza!

A – É, ué! Digo a vocês, não é? É coisa profissional porque, olha, eu digo sempre hoje: nós, os rotarianos, somos voluntários, mas o trabalho voluntário precisa ser orientado profissionalmente.

L - Sem dúvida.

A - Porque senão, o sujeito dá com os burros na água!

D - É.

A - Como é que sujeito chega lá... um... vai chega num posto...

D - Trabalha, trabalha, trabalha, não tem resultado.

A - Não, chega num posto de saúde, fala com o chefe: “O senhor, eu sou rotariano daqui, o senhor conhece?” “Ah, pois não, e tal.” “Nós estamos querendo... vamos ajudar na (inaudível) porque o Rotary internacional tem um projeto...” “Ah! pois não, e tal, eu vou ver depois, e tal, e como é, e tal, depois...” E pronto! Ficava nisso. Então nós estimulamos os nossos companheiros encarregados porque foi... cada clube tinha um presidente da Comissão PólioPlus, e cada Distrito outro, então eles... e tinha um coordenador regional, ainda por cima, pra ver se eles estavam trabalhando (risos) direitinho. Então, eles chegavam lá e falavam se encontravam dificuldades eles se reportavam ao coordenador regional e ele: “Ó fulano, e tal, num é sim, e tal...” E em casos que a coisa ficava às vezes um pouco a gente acessava aqui o secretário de saúde, lá de Pernambuco, ou do Rio de Janeiro, e tal. Naquele tempo, o Secretário de Saúde lá do Rio [de Janeiro] era o [Sergio] Arouca¹⁸, vocês conhecem muito bem...

L - Com certeza.

A - Era um rapaz muito ativo também. Ele entendeu bem a coisa.

L - Secretário Municipal de Saúde, agora...

A - Ele era...

L - Não, agora. Na gestão do Prefeito César Maia.

¹⁸ foi um [médico sanitarista](#) e [político](#), atuou como consultor da [Organização Pan-americana de Saúde](#) (OPAS).

D - Ele foi estadual nessa época. Agora ele é municipal.

L - Agora ele é municipal.

A - Ah, ele é do César Maia?

L - Isso, isso.

A - Ah! ele é uma pessoa muito bem preparada. Discordamos algumas coisas ideológicas. (risos)

D - Sem entrar nesse mérito.

L - É até bom isso, discordância. (risos)

D - Sem entrar nesse mérito.

A - Olha, isso aí não pode ficar não, senão ele pode ouvir e falar, “puxa aquele camarada ainda vem com essa história.”

L - Imagina, de jeito nenhum.

D - Quer dizer, na verdade a tarefa, o papel da Comissão Nacional do PólioPlus é coordenar o trabalho no âmbito do Brasil...

A - Dos rotarianos.

D - Em relação ao PólioPlus ou para o PólioPlus.

A - Isso! É, esse é que é o trabalho da Comissão Nacional, que ainda existe, o presidente hoje, é o Dr. Eudes de Souza Leão Pinto, lá de Pernambuco. Está o retrato dele aí. Quando eu fui pra Fundação Rotária, eu tive que sair. Aí eles me botaram como presidente emérito. Esses negócios, (risos) que fazem assim pro sujeito não ficar... e eu também não ia ficar fora... viu? Hoje de manhã mesmo... falei com ele de manhã. E disse pra ele: “Olha vem aqui o pessoal da Fiocruz!” “Oh, e tal, que beleza e tal!” Ficou muito feliz com vocês aqui.

D - É. (risos) Agora... outra coisa é o seguinte... É... houve um grande investimento do Rotary em relação ao controle da poliomielite, está havendo em relação à erradicação da poliomielite. Quais são as expectativas do Rotary em relação a esse programa PólioPlus?

A - Olha...

D - Quer dizer, que retorno o Rotary espera ter disso, não é? Que dizer, mesmo que não tenha sido colocado, desde o início, à medida que o plano se desenvolve começa-se a pensar, né? Isso vai ter um retorno tal, ou alguma outra coisa, pro próprio Rotary ou pra... entendeu?

A - É, nós pensamos em termos de retorno para a humanidade. Nós estamos certos que nós vamos conseguir erradicar até 2005. Porque, o que está acontecendo é o seguinte: nós estamos

apertando o cerco. Nós, que eu digo, os parceiros, da Organização Mundial, a Unicef e o Rotary, nós estamos apertando o cerco. Inclusive mobilizando assim politicamente a Organização da Nações Unidas, em países em que às vezes a coisa está muito... Esse Kofi Annan tem... eu ia com ele em Angola no ano passado, mas depois houve um problema lá, porque eles falaram: “Ah, você vai em Angola.” Eu falei: “Eu só vou em Angola, se tiver uma reunião de cúpula lá, (marcando a fala com batidas na mesa) pra nós podemos acertar essa coisa dos dois que estão brigando.” Porque, chega lá falam: “Não, e tal...” Eu ainda disse assim: “Eu não quero.” Eu respondi isso lá, numa reunião que tivemos nos Estados Unidos com... porque, nós temos a Comissão Internacional, né? Eu falei: “Olha, eu não vou lá pra fazer relatório. Pra dizer não e tal... Não, não vou! Eu vou com o prestígio do Rotary Internacional pra ver se nós mudamos a situação”. Se não tiver jeito, não adianta a gente ir lá, mas o Kofi Annan não teve a possibilidade... ainda há uma... mas a situação lá melhorou um pouco, sabe? Melhorou um pouco porque, nós estamos fazendo três dias nacionais de imunização lá. E, ontem ou anteontem, eu ouvi uma notícia no jornal um pouco apreensiva porque mataram uma... não sei se vocês leram no jornal? Mataram umas crianças, pessoas lá, numa briga lá, entre as facções em luta, mas a situação melhorou, nós tivemos no ano passado, em março do ano passado, tivemos 12 mil casos de pólio em Angola.

D/L - 12 mil casos?

D - Num lugar desse tamanho...

L - Gente!

A - Foi uma luta! Mas, foi um esforço grande que se fez! E agora a coisa... a última notícia que eu tenho, que eu tive foi... em março, fevereiro, e tal, e tinha havido acho que 62 casos.

L - Hum, hum. Decresceu bastante.

A - Já, e assim mesmo de áreas...

L - Remotas, muito distantes. Hum, hum.

A - Remotas, distantes e tal porque, nós temos uma ajuda de uma companhia brasileira lá, que a gente precisa de falar isso. Tem uma companhia brasileira que trabalha lá a Odebrecht.

L - Odebrecht.

A - Que é uma companhia que aqui no Brasil o pessoal anda falando mal dela... mas lá eles dão uma ajuda pro nosso pessoal que...

D - Hoje mesmo está no jornal...

L - É. A Odebrecht?

A - O nosso pessoal lá viaja em aviões deles com toda segurança. Segurança deles e do governo, eles estão dando uma ajuda... Eles ganham muito bem lá, mas também estão ajudando bastante.

D - (risos) Estão retribuindo de alguma forma.

L - É.

D - Agora, olha só, quer dizer, em Angola é compreensível. Existe um conflito interno no país, né?

A - Isso.

D - É... outros países da África, já não seriam conflitos, seriam outras dificuldades da população ou mesmo do governo. (mexendo em papéis) Agora, nas Américas, a gente conseguiu: a pólio está erradicada.

A - Conseguimos, conseguimos.

D - Por que, essa... por que, esse sucesso na Américas? Por que? A que o senhor atribui ter conseguido... ter-se conseguido isso?

A - Olha, primeiro...

D - Houve mais organização? Mais órgãos participando?...

A - Houve mais organização, mais vontade política, mais apoio e mais exemplos de países que tiveram sucesso no controle dessas doenças. Primeiro: Uruguai, Argentina, Chile e vamos botar o Brasil. Estou botando o Brasil por último aqui, não é porque... é porque eu sou brasileiro, mas esses países, que são os países líderes... no México também, menos um pouco, mas depois a coisa funcionou muito bem. Esses países que são países líderes daqui da América Latina, não é? Eles levaram a sério o programa e nós temos que também render um tributo extraordinário à Organização Pan Americana de Saúde e especialmente aos nossos dois, Carlyle Macedo e Ciro De Quadros¹⁹. O Ciro De Quadros é um homem hoje, o Carlyle também... O Ciro De Quadros é um homem hoje... adorado aí, nesses países todos e até internacional... fora da América, e o Carlyle... são dois homens que deram uma nova dimensão aos programas de erradicação, viu? E graças a Deus que eles são brasileiros, né? Foi uma contribuição muito grande do nosso país também com esses dois. E continuam. O Ciro... o Ciro De Quadros continua ainda firme, lutando, e tal. E eu acho que nós vamos obter resultados nos outros países, porque... há dificuldades, não é? Essas que vocês acentuaram e que eu acentuei também. Há dificuldades de guerras internas, às vezes que não chegam a ter guerra não, mas dissensões sem luta, mas e... atraso, não é? E há uma coisa que eu tenho notado também, nós temos discutido muito isso, viu? Nas nossas reuniões internacionais. Têm países que a prioridade deles é botar comida na boca das crianças, em vez de evitar que elas morram de paralisia, viu?

¹⁹ Ref. A outro entrevistado do projeto Dr. Ciro de Quadros.

D - Hum, hum, que elas morrem antes de fome, não é?

A - Bem antes de fome! Então, essas coisas... é um, é um, é um, é um... é um conjunto de fatores que eh... se agrupam, né? Pra fazer com que o governo... “Puxa mais se eu vou vacinar contra paralisia em vez de comprar leite ou comprar alimento pra...” porque têm países aí que você, que você... os países que nós estamos ainda... (mexendo em papéis) os países que nós estamos agora é... com maior... acertando... Deixa eu ver se eu tenho aqui... eu tinha aqui... (mexendo em papéis) Só pra... pra responder à pergunta dela porque ela me pareceu que queria saber se os países que não estão em guerra interna se eles também...

D - Estariam aptos a erradicar a pólio.

A - Ah, é, é. Bom, você vê a Índia, não é? A Índia tem um problema sério, que é um problema de super população e condições difíceis, mas o governo indiano está empregando recursos substanciais no programa, viu? E, o Rotary Internacional também está ajudando e, o, a, o, eh... a Organização Mundial de Saúde, a Organização Mundial de Saúde não entra com muito dinheiro, mas nós estamos fazendo um negócio também... O Rotary criou uma comissão para acessar os outros países, os países que já erradicaram a pólio, para contribuir para que realmente nós chegamos a... a erradicação. Eu fiz parte dessa comissão até o ano passado.

D - Contribuir como?

A - Contribuir? Olha, os americanos, quer ver...

D - Não, eu digo, contribuir com o quê?

A - Dinheiro! Com dinheiro porque, olha a... a... (pausa) a Organização Mundial de Saúde ainda acha que nós precisamos de um bocado de dinheiro para completar isso, não é? Então, nós temos que conseguir isso através da contribuição de governos e contribuições particulares. Olha, essa comissão... nós conseguimos, desses países que eu tenho aqui... Da Austrália, da Bélgica, do Canadá, da Dinamarca, da Finlândia, da Alemanha, da Itália, do Japão, da Coreia, da Holanda, da Noruega, da Suécia, da Suíça, de Taiwan, do Reino Unido, dos Estados Unidos da América, esses países estão realmente contribuindo e vão contribuir até o final da erradicação, viu? Nós tivemos um... uma... obtivemos dois... duas contribuições muito boas: uma do Bill Gates²⁰ e outra da Fundação do Ted Turner²¹, da CNN. Cada um com 100 milhões de dólares, sabe? Não é tudo de uma vez mais...

L - 100 milhões!?

²⁰ William Henry Gates III [KBE](#), [GCIH](#), é um [magnata](#), [filantropo](#), [autor](#) e, o fundador da [Microsoft](#).

²¹ Robert Edward "Ted" Turner III, é um [magnata da mídia americana](#) e [filantropo](#). Como empresário, ele é conhecido como fundador da [televisão por cabo](#) da rede [CNN](#), ele é conhecido por sua doação de US \$ 1 bilhão para apoiar causas [das Nações Unidas](#), que criou a [Fundação das Nações Unidas](#), uma instituição de caridade pública para ampliar o apoio da ONU.

A - Sim senhora! Então, quer dizer, é um trabalho que a gente está fazendo no sentido de conscientizar esses governos também que eles têm que botar dinheiro lá. Olha, recurso financeiro não vai faltar para o programa de erradicação da pólio. Você pode estar certa! Não vai faltar! Agora, o que nós precisamos realmente é apertar o cerco desses países que ainda estão com casos de paralisia, para que os Dias Nacionais de Imunização sejam feitos regularmente porque é a única coisa que faz determinar a erradicação da pólio é a continuidade desses Dias Nacionais de Imunização. (essa fala foi marcada como batidas na mesa e voz pausada).

Fita 3 – Lado B

L – Isso tem... muito a ver, se o empresariado brasileiro contribui com essa... (risos) Não, obviamente com esse montante de dinheiro...

D - Guardando as devidas proporções.

L - ...guardando as devidas proporções, né? Mas enfim, se... como que é essa relação aqui com o empresariado brasileiro...

A - Olha, nós estamos com...

L - ...do Rotary aqui no Brasil.

A - Essa comissão agora que eu fiz parte, tem um brasileiro fazendo parte dele agora, que é até um curador da Fundação Rotária, que me substituiu na Fundação Rotária, é um rotariano de São Paulo, o... José Alfredo Pretone, ele está mobilizando, ele esteve até recentemente com o Presidente da República, com a Dr.a Dona Ruth Cardoso, lá, e com a Federação de Indústria de São Paulo, não é? Eu tive uma conversa aqui também com o pessoal da Federação da indústria aqui, nós temos um trabalho de sensibilizar essas pessoas pra que eles também deem alguma coisa, viu? Mas é um trabalho que tá iniciando agora, viu?

L - Certo.

A - Começou agora esse ano até, viu? Começou esse ano pra ver se a gente... a gente, consegue mais alguma coisa. Eu acho que o Brasil não precisa hoje de mais recursos porque, os recursos orçamentários estão bem, os deputados têm sensibilidade pra isso, viu? Nós tivemos reuniões do próprio Congresso Nacional, já tivemos três reuniões deles de reconhecimento ao Rotary. Reuniões especiais e nós temos 56 Rotarianos no Congresso lá. E eles sabem que...

L - É mesmo?

A - Sim senhora. E eles lutam pra no Orçamento... não haver interrupção nos recursos que são destinados ao Ministério da Saúde pra isso. Aqui no Brasil, eu acho que nós estamos... estamos bem.

D - É... no âmbito do programa do PólioPlus é... quer dizer, até pelo que o senhor está falando, a gente percebe assim que... é bastante trabalhoso executar esse programa, desenvolver, implementar esse programa, que requer um investimento. Não é só o investimento de dinheiro, de doações, não: requer um investimento de trabalho estratégico bastante longo. Houve em algum momento um, um... uma certa... um certo...

A - Arrefecimento?

D - ...arrefecimento da vontade?

A - Aqui no Brasil?

D - Não, não, a um nível internacional mesmo.

A - Não, eu acho que a um nível internacional, não. Houve, esses casos que eu estou dizendo pra vocês de países com muitas dificuldades, não só dificuldades econômicas, mas com dificuldade de organização e tal, que têm outras prioridades. Esses países aqui, quer dizer, a, a... a Índia, por exemplo, agora já é prioridade no país de lá e está caindo. Nós... a China também é prioridade hoje, não é? Eles tiveram muitos casos, mas agora não têm tanto, não mesmo, não têm mais. ... Aqueles países do Norte da África também... é... a coisa... A coisa chegou num ponto em que os próprios países limítrofes estão pressionando os países que ainda têm casos pra ver se para com isso, para não migrar pros países deles. Então, está se criando uma consciência internacional de que é preciso pressionar um pouco, não é? Aqueles países que não têm como prioridade... prioridade primeira, vamos dizer assim, a erradicação da pólio é entender que... eles não podem ficar fora! A minha esperança é justamente essa: é nesse poder, dessa pressão assim, né? Que você vai obtendo e tal, e coisa, de todos os níveis, né? Que vai fazer com que no fim esse pessoal vai falar: “Não, nós temos que acabar aqui também, não é?” e na medida em que você for apertando o cerco, o alvo vai ficando mais susceptível de ser atingido, não é isso?

L - Com certeza.

A - Não é?

D - Com certeza.

A - Porque, há uma concentração de esforços naquele sentido. É o que está acontecendo agora. Nós estamos concentrando esforços agora na África, né? E algum... dois países da Ásia só, que é a Índia e o Paquistão, mas o resto é... viu? Vocês conhecem essas... essas... vocês têm as transparências que estão mostrando a pólio hoje, como é que está hoje, no mapa *mundi* e tal.

D - Não, ainda não.

L - Não, não temos não.

A - Ah, mas você e lá na Fiocruz tem isso.

D - Mas a gente já tem muita coisa. (rindo) Levanta coisa todo o dia. Ainda não chegou. (Inaudível) (rindo)

A - Eu acho que a pólio não é prioridade da Fiocruz também não.

L - (gargalhadas) Puxa, Dr.!

A - Eu estou brincando.

D - Então vamos mudar da pólio. (risos) Olha só! Só pensando numa próxima doença a ser erradicada. A gente vai chegar a erradicação, de repente até antes de 2005, né? É... e aí vai se ter outra... outra doença como meta para erradicação.. que provavelmente é o sarampo. É o que se fala.

A - Que está quase.

D - Vai acabar chegando junto com a poliomielite.

A - As últimas estatísticas que eu tenho... vocês recebem o boletim da Organização Mundial de Saúde e da OPAS, né? O negócio está caindo sensivelmente.

D - E aí o senhor acha que o Rotary participaria também dessa... desse próximo projeto?

A - Olha, o Rotary, o Rotary é uma instituição absolutamente pragmática, sabe? (risos) Nós não adiantamos antes... o outro passo, antes de não ter completado aquele, viu? Nós mesmos, rotarianos, assim, a gente que tem liderança no Rotary, nós somos muito questionados por companheiros: "Pois é! Acabou a pólio. Agora o que e que nós vamos fazer?". Porque... os próprios rotarianos ganharam uma visão muito, assim, diferente do que a que eles tinham a respeito do Rotary. O programa PólioPlus demonstrou a nostra capacidade de fazer coisas, assim, tão grandes como essa. Então, a gente é muito pressionado. E nós como somos bons pragmatas [sic], nós vamos estudando, não é? Há uma tendência muito grande hoje... e assim, eu acredito que nós vamos entrar no programa de nível internacional, que nós vamos entrar depois da erradicação da pólio, vai ser acabar com o analfabetismo. Há uma sensibilidade muito grande para poder fazer um programa dessa natureza. Fazer um outro PólioPlus ou pólioeducação sabe (risos) porque, realmente nós temos países onde a coisa está muito grave. E... também aqui no nosso país, também está. E eu acho que se nós auxiliarmos o governo nessa mobilização que nós fizemos pra erradicação da pólio, nós vamos chegar ao resultado talvez até mais fácil um pouco, não é? Porque, a educação é uma aspiração de todo mundo, de todo indivíduo, né? De toda família e tal. O governo tem feito alguns programas muito interessantes.

D - É uma questão que mobiliza também, né?

A - Ah, mobiliza. Agora, em termos de doenças, assim, prevalentes, nós temos programas aqui em AIDS, Doença de Chagas, de esquistossomose que a gente tem... mas são doenças assim localizadas apenas em determinados países, não é uma doença como a pólio.

D - Mundial.

L - De amplitude mundial, não é?

A - De amplitude mundial, não é isso?

D - É verdade. Nem mesmo o sarampo, né?

A - É, também o sarampo, né? Mas, o programa do sarampo vai muito bem. Nesse... nesse...

D - Boletim.

A - Qual o nome do... do... lá do TAG, lá do... Técnico Assessor lá da... de Foz de Iguaçu, ele foi dedicado especialmente ao sarampo, que eu acho que está caminhando bem. E aqueles países que ainda estão um pouquinho assim capengando vamos dizer assim, está tendo um esforço muito grande pra que eles... inclusive o Canadá, que tinha casos de sarampo bastante... em número bastante elevado.

D - Bem, Dr. Archimedes, a gente já acabou! É... eu queria saber se o senhor queria acrescentar mais alguma coisa, além do que a gente conversou...

A - Não, eu acho que não. Eu acho que nós tivemos uma conversa informal, não é? Vocês não são jornalistas, quando eu falo pra jornalistas, eu tenho algumas reservas, sabe? (risos) (pigarro) Mas, conversando com pessoas como vocês além da... de eu notar... o estilo de vocês, o interesse de vocês, sobretudo a visão global que vocês têm do problema, eu acho que... a contribuição que eu podia dar é essa, né? Eu queria só dizer realmente que eu estou absolutamente confiante que nós vamos alcançar a erradicação da pólio em 2005. Acredito que até um pouquinho antes, se, se... se Deus não mandar o contrário (rindo) como nós dizemos aqui em Minas, né? Porque o cerco está sendo fechado e as ações estão sendo muito bem coordenadas, sobretudo são ações em conjunto, né? Que estão procurando fazer com que a gente chegue lá.

D - É e a gente espera que sim. Com certeza!

A - Não, não. Eu acho que é uma contribuição! Você sabe o que é erradicar uma doença como essa? A erradicação da varíola foi um negócio que foi cantado em prosa e verso, não é? Essa daí, nós vamos ter que mandar chamar aqueles homens do cordel lá do Nordeste pra poder fazermos uns folhetinhos aí, umas poesias pra poder louvar esse negócio. Até eles têm que fazer (rindo) porque vai ser uma coisa extraordinária, sem dúvida!

D - Então, Dr. Archimedes obrigada...

A - Eu é que agradeço, sinceramente, eu gostei muito de conversar com vocês, viu? Meu pai dizia que a melhor coisa que tem no mundo é você conversar com gente inteligente... (risos)

L - Obrigada.

A - ...que eles pegam aquilo que você não disse, eles entendem o que você devia dizer e dizem. (rindo)

D - E a gente... quer dizer, para a gente... é uma... foi valiosa a sua entrevista.

L - Nossa!

A - Você acredita que foi?

L - Com certeza.

A - Vai contribuir de alguma forma pra...?

L - Sem dúvida que vai, não tenha dúvida.

A - Pelo menos eu acredito que vocês levem uma impressão do Rotary, né? Que se já tinham favorável... Mas...

L - Será mais positivo ainda depois do seu depoimento...

A - Sem dúvida. Olha...